

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Thaís de Almeida

**O TEMPO NA PRODUÇÃO DE UM TELEJORNAL
ANÁLISE DO JORNAL DO ALMOÇO – RBS TV
PASSO FUNDO**

Passo Fundo

2015

Thaís de Almeida

O TEMPO NA PRODUÇÃO DE UM TELEJORNAL
ANÁLISE DO JORNAL DO ALMOÇO – RBS TV
PASSO FUNDO

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Ms. Nadja Maria Hartmann.

Passo Fundo

2015

Thaís de Almeida

**O tempo na produção de um telejornal. Análise do Jornal do Almoço - RBS TV
Passo Fundo.**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Ms. Nadja Maria Hartmann.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Nadja Maria Hartmann – UPF

Prof. Dr. _____ - _____

Prof. Dr. _____ - _____

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais, Isaura e Gilberto por terem dedicado seus esforços a favor da conquista do meu sonho de ser jornalista. Obrigada por acreditarem no meu futuro, no meu talento. Foram anos de muita luta e sempre que eu pensei em desistir encontrei força em vocês para continuar. Obrigada Ivania Pacassa por ter sido uma excelente líder, que guiou meu primeiro ano de graduação e me ensinou que antes de ser um excelente profissional tinha como dever ser um bom ser humano. À minha orientadora Nadja Hartmann, pelos ensinamentos e por dar vazão as minhas angústias geradas pela ansiedade que faz parte de mim. Meu agradecimento se estende também aos demais professores do curso de Jornalismo da UPF que contribuíram com a minha formação profissional, principalmente ao Ms. Mateus Rodighero que me proporcionou ampliar os conhecimentos no jornalismo de televisão e ganhou minha admiração como líder de uma equipe. Obrigada também as minhas amigas pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis. O sonho não acabou sigo com o desejo de novas conquistas!

Quem não sofreu essa servidão que se alimenta de imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber quem são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.

Gabriel García Márquez

RESUMO

A presente pesquisa “**O tempo na produção de um telejornal. Análise do Jornal do Almoço - RBS TV Passo Fundo**” pretende entender os processos produtivos no jornalismo de televisão para compreender se a “falta de tempo” pode interferir na qualidade das notícias. Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa teve como metodologia a revisão bibliográfica e a análise qualitativa através da observação participante e da realização de entrevistas com os jornalistas, repórteres cinematográficos e editores que trabalham na produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo. Após análise, a pesquisa chega à conclusão que o tempo que o tempo não interfere na qualidade das notícias do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo. O que pode mudar em função do tempo é o formato das notícias que tem como prioridade o critério relevância que representa qualidade. Ou seja, quando não há tempo para checar uma informação ela não é veiculada no telejornal.

Palavra-chave: Telejornalismo. Jornal do Almoço. *Newsmaking*. Produção.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	7
2	A NOTÍCIA NA TV	11
2.1	As características da notícia na TV	13
2.2	Gêneros e Formatos na televisão	15
2.3	Telejornalismo Local	19
3	TEORIA ORGANIZACIONAL	21
3.1	Teoria do Newsmaking	22
4	ANÁLISE	23
4.1	RBSTV Passo Fundo	25
4.2	Jornal do Almoço Porto Alegre	26
4.3	Organização da produção do JA Passo Fundo	27
4.4	Análise das Entrevistas	34
4.4.1	Tempo para cumprir as tarefas	35
4.4.2	Pressão no fechamento do Jornal do Almoço	37
4.4.3	Diferença na qualidade das reportagens	38
4.4.4	Pressão no fechamento do JA	38
4.4.5	Telejornalismo Regional	39
4.4.5	Tecnologia aliada ao telejornalismo	41
4.4.6	Etapa mais demorada da produção	42
4.4.7	Tempo suficiente para o JA	42
4.4.8	Interferência do tempo nas escolhas	43
4.4.9	Tempo x Informação	44
4.4.10	Ausência de grandes reportagens	44
4.4.11	Trabalho em equipe	45
4.4.12	Observações do coordenador de Jornalismo	45
4.5	Análise do Corpus da Pesquisa	47
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICES	55

1 INTRODUÇÃO

A televisão é a mais importante, se não a principal, forma de acesso à informação e entretenimento para grande parte dos brasileiros. Com poder e prestígio a TV desperta o interesse da comunidade para os fatos que acontecem em âmbito local, regional e nacional. Tais fatos se dissolvem na sociedade por meio das notícias exibidas nos telejornais.

Através de texto e imagens, a notícia na televisão é o que acontece em tempo presente e interessa ao público. Por conta disso, o ritmo da produção das notícias na televisão é intenso e acelerado. A produção no telejornalismo já foi tema de diversas pesquisas no campo acadêmico.

Considerando-se a hipótese que existe falta de tempo para a produção de notícias, o que se pretende neste trabalho monográfico é entender os processos produtivos no jornalismo de televisão e compreender se a falta de tempo pode interferir na qualidade das notícias. Para isso estará em análise o Jornal do Almoço produzido pela RBS TV Passo Fundo.

Quando falamos de qualidade das notícias nesta pesquisa leva-se em conta o modelo de jornalismo que a sociedade atual legitima, divulgando fatos verdadeiros e relevantes. Segundo Gomes (2006, p. 22) diante da atual “perspectiva liberal da responsabilidade social do jornalismo, as noções de verdade e relevância podem se configurar como parâmetros de qualidade no telejornalismo”. Para a autora esses padrões indicados

[...] são bons parâmetros de qualidade porque sobre elas se sustenta a confiança que a sociedade deposita no jornalismo e é com base nelas que essa confiança pode ser quebrada. Essa confiança supõe a possibilidade de conhecimento verdadeiro e a capacidade de julgamento de relevância dos fatos e supõe também a credibilidade dos jornalistas e das organizações jornalísticas (GOMES, 2006, p. 22).

A RBS TV é considerada a principal rede de televisão do Sul do Brasil. Atua no Rio Grande do Sul com 12 emissoras espalhadas pelo estado. Em Passo Fundo, a RBS TV produz diariamente 15 minutos de telejornalismo exibidos no Jornal do Almoço.

O seguinte trabalho apresenta definições teóricas para ajudar na compreensão de como funciona o processo de produção de notícias em televisão. No capítulo inicial do

referencial teórico desta pesquisa, estão as definições teóricas da notícia e suas características na TV assim como os gêneros e formatos da televisão. O referencial teórico deste capítulo foi construído com pesquisas bibliográficas nas obras de autores como Olga Curado (2002), Sebastião Squirra (1995), Luciana Bistane e Luciene Bacellar (2008), Otávio Klein (2013), Guilherme Rezende (2000), Arlindo Machado (2001) Aronchi (2004), Soares e Olivera (2007), Vizeu e Mazzarolo (1999).

Na segunda parte da pesquisa o foco estende-se as teorias do jornalismo. Neste capítulo apresento a teoria Organizacional e a teoria do *Newsmaking*. Estas embasam a pesquisa com o referencial dos autores Piccinin (2005) e Wolf (1987). As teorias fornecem subsídios para a pesquisa realizada a campo através de observação participante e de entrevistas realizadas com os profissionais que trabalham na produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo.

Para a construção da análise desta pesquisa apresenta-se as definições de telejornalismo local, a história da RBS TV Passo Fundo, do Jornal do Almoço estadual e local e como se organiza a produção das notícias na RBS TV Passo Fundo. O referencial teórico deste capítulo é embasado com os autores: Mata (2013), Otávio Klein (2013), Fábio Cruz (2006), Rezende (2000), Olga Curado (2002).

A pesquisa é qualitativa, amparada com respaldo teórico de pesquisadores ligados ao telejornalismo. Bauer e Gaskell (2000, p. 23) definem pesquisa qualitativa como a “que evita números, lida com interpretações das realidades sociais [...]”.

O presente trabalho monográfico foi construído através de pesquisa bibliográfica em livros e artigos, com informações contidas em reportagens exibidas na RBS TV Passo Fundo, além da pesquisa observacional participante realizada por esta pesquisadora e entrevistas realizadas com os profissionais ligados a produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo.

As entrevistas com os profissionais da RBS TV Passo Fundo receberam a autorização do Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo sob o parecer 1121482 e CAAE 46181315.10000.5342. Para Bauer e Gaskell (2000, p. 23) a técnica da entrevista utilizada nesta pesquisa ajuda a compreender o comportamento das pessoas em contextos e “fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e a situação.”.

Treze profissionais atuam na produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo, doze foram entrevistados. As entrevistas foram realizadas de forma oral e gravadas no período de uma semana entre os dias 19 e 23 de Outubro de 2015 na RBS

TV Passo Fundo. A disponibilidade dos profissionais foi respeitada. As perguntas e o conteúdo das entrevistas estão no apêndice desta pesquisa. O coordenador de telejornalismo da emissora, Mateus Rodighero devido ao seu cargo de gestão respondeu a questões diferentes dos demais profissionais.

Sobre a análise do material recolhido nas entrevistas, Bauer e Gaskell (2000, p. 85) dizem que “o objetivo é procurar sentidos e compreensão. O que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente”.

Realizada de forma simultânea com as entrevistas, a observação participante desta pesquisadora também está contemplada na análise. Tal observação realizada pela pesquisadora foi importante para ajudar na compreensão do ambiente de trabalho da redação da RBS TV Passo Fundo.

Como estagiária da RBS TV Passo Fundo, a pesquisadora realizou uma pesquisa observacional participante de modo informal. A pesquisa observacional específica para este trabalho foi realizada junto com as entrevistas durante uma semana, entre os dias 19 a 23 de outubro de 2015. Neste período a pesquisadora esteve afastada das suas funções como estagiária da RBS TV Passo Fundo e assumiu somente o papel de pesquisadora.

A escolha teve como critério observar a rotina da redação da RBS TV Passo Fundo, especificamente a produção do Jornal do Almoço. Esse período foi escolhido, por ser uma semana considerada normal para a produção, sem feriados ou eventos atípicos, uma vez que estes eventos especiais poderiam interferir e comprometer a observação. Neste período a pesquisadora acompanhou as diferentes funções ligadas a produção do telejornal.

Vale salientar que no decorrer desta pesquisa ocorreu uma mudança na programação da RBS TV Passo Fundo. O telejornal RBS Notícias que era apresentado de segunda-feira a sábado foi suprimido da programação da emissora. Essa importante alteração na grade de programação mudou a rotina dos jornalistas, editores e repórteres cinematográficos que atuam na RBS TV Passo Fundo.

A análise desta monografia se dá ao se considerar aspectos levantados a partir da observação participante, das entrevistas realizadas com os profissionais ligados a produção do Jornal do Almoço da RBS TV aliada às características das teorias Organizacional e *Newsmaking*. Desta forma este trabalho tem como interesse responder ao problema de pesquisa proposto que busca entender os processos produtivos no jornalismo televisivo e compreender se a falta de tempo pode interferir na qualidade das

notícias, destacando o processo de produção das notícias do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo, principal telejornal da cidade e de todo o Norte do Rio Grande do Sul.

2 A NOTÍCIA NA TV

A notícia é a informação que interessa ao público e representa um serviço para a sociedade. Ela nasce de um acontecimento que causa interesse em um grande número de pessoas. O interesse do público pelo fato noticiado depende do impacto que ele causa na vida das pessoas, no caso da televisão, na vida do telespectador. Para Olga Curado (2002)

A notícia é a informação que tem relevância para o público. [...] revela como determinados fatos se passaram, identifica personagens, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão acontecendo, descreve suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico para dar-lhes perspectiva e noção de sua amplitude e dos seus significados. [...] Fundamentalmente, a notícia é a informação a serviço do público (CURADO, 2002, p.16).

Quanto mais pessoas manifestarem interesse por um fato, mais importante esse acontecimento é para a imprensa. De acordo com Curado (2002) isso acontece porque os meios de comunicação trabalham a favor do interesse da sociedade. Deste modo, os fatos que interessam ao público são a matéria-prima do jornalismo.

Ao despertar interesse das pessoas os fatos são transformados em notícias. Assim os meios de comunicação ajudam a sociedade a entender o que se passa no mundo. Curado (2002) chega a dizer que “a informação deve colaborar para produzir em nós um sentimento de inclusão social ou política, aumentando a nossa consciência acerca do que se passa nas nossas cercanias ou alhures” (CURADO, 2002, p. 16).

A autora considera a televisão o meio de comunicação mais importante entre o público. É através do telejornal que os telespectadores se informam. Segundo Curado, (2002, p. 17) “a televisão é referência única de grande parte da população que se atualiza pelos seus noticiosos. O telejornal, programa de notícia ou o noticiário está no ar com a missão de oferecer esclarecimentos sobre os fatos”.

Segundo Sebastião Squirra (1995, p. 47) as notícias são fatos ou acontecimentos que tem importância para a comunidade “a notícia não é um acontecimento, ainda que assombroso, mas a narração desse acontecimento. A notícia é tudo o que o público deseja saber”.

A notícia é tudo o que acontece próximo da audiência. Para Squirra (1995, p. 49) “notícia é o que está acontecendo agora, o que acontece em um tempo presente

imediatos, ou que vai acontecer”. Vale ressaltar que um fato que acontece longe da audiência também pode ser importante.

Todos os dias milhares de fatos acontecem e chegam até as pessoas pelos noticiários o que torna o telejornal primordial para o público. Squirra (1995, p. 48) afirma que “o público da televisão está aberto às informações e ao processo de comunicação das informações”. Na população brasileira a TV é o meio de comunicação líder em entretenimento e informações.

Para Bistane e Bacellar (2008) as notícias são assuntos que interessam a um grande público. Esse conceito cabe a TV e pode ser ampliado para todos os meios de comunicação. Conforme Bistane e Bacellar (2008, p. 41), “para os jornalistas, os assuntos são considerados relevantes, quando impactam ou afetam a vida dos cidadãos”.

A TV pode ser considerada a principal fonte de informação dos brasileiros. De acordo com as pesquisadoras “ela chega a praticamente todos os municípios brasileiros e está em 90% das residências [...]. É uma concessão pública, que pode ser explorada comercialmente, mas tem que oferecer qualidade à população, como todo serviço da natureza” (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 9).

Klein (2013) traz a colocação de Beatriz Becker (2006) sobre a construção das notícias na televisão: “As notícias de televisão ‘ocupam lugares estratégicos na programação das redes e também nos discursos midiáticos contemporâneos”’. Para Klein (2013) as notícias na TV

[...] embora sejam a principal fonte de informação de grande parte da população, ainda não possuem o mesmo destaque como objeto de investigação. **As notícias ou reportagens de televisão, do ponto de vista da produção, são o resultado da construção de imagens e de texto**” (KLEIN, 2013, p. 20, grifo nosso).

Murad (2002), citado por Soares e Oliveira (2007), explica que “de tempos em tempos a notícia foi tomando formas diferentes para se adequar ao meio em que é difundida. Cada mídia desenvolveu características próprias e assim essa particularidade se estendeu também às notícias” (MURAD, 2002 apud SOARES; OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Essa visão reforça que cada meio se destaca de acordo com uma característica própria: a televisão pela agilidade, o rádio porque é instantâneo, o jornal impresso pela análise de conteúdo e detalhes, e a internet porque é interativa e pode guardar dados em grande escala.

2.1 As características da notícia na TV

O fato é o mesmo, mas quando vira notícia é apresentado de acordo com as características de cada meio de comunicação. Tratando-se da televisão, Soares e Oliveira (2007) apresentam através do ponto de vista de Murad (2002), algumas particularidades da notícia nesse meio como: a quantidade de notícias apresentadas e as diferenças na sua estrutura. Na TV a agilidade é característica essencial da notícia.

[...] na TV o número de notícias é relativamente menor, devido a sua característica primordial, a agilidade. Além da diferença estrutural da notícia publicada nos telejornais, o caráter da agilidade afeta também a interpretação dos fatos. Os noticiários [...] apresentam uma versão que impede a análise através de pontos de vistas diferentes, ao receptor o que está sendo dito parece ser a verdade absoluta (MURAD, 2002 apud SOARES; OLIVEIRA, 2007, p. 2).

Outra característica da notícia na TV é que o público não pode escolher os fatos que serão noticiados. Para Soares e Oliveira (2007, p. 3) “o que é apresentado nos telejornais é uma escolha exclusiva da equipe envolvida na produção do programa jornalístico. [...] o público pode até pautar alguma discussão, mas, ainda assim é escolha do profissional dar espaço a informação identificada”. Wolf (1987) denomina como *gatekeeper* o responsável pela escolha do que é ou não notícia.

Seja qual for o meio de veiculação de uma notícia, o responsável por o que será noticiado é o jornalista. Para Tuchman (1999)

Todo o processo de construção da notícia é de responsabilidade de uma pessoa que o tempo todo vive em função disso: o jornalista. A finalidade de qualquer instituição informativa é de dar relatos sobre acontecimentos significativos, interessantes e importantes (TUCHMAN, 1999 apud VIZEU; MAZZAROLO, 1999, p. 5).

Conforme Correia (1997) citado por Alfredo Vizeu e Jô Mazzarolo (1999), as características da notícia podem ser obtidas através de uma comparação entre as notícias de jornal, rádio e de TV “em ambos os casos as notícias são variedades do jornalismo, que tem como finalidade o relato de acontecimentos atuais” (CORREIA, 1997 apud VIZEU; MAZZAROLO, 1999, p. 5).

Na televisão as notícias devem ter clareza. Para Vizeu e Jô Mazzarolo (1999 p. 8) “a notícia na televisão é construída para ser entendida na sua totalidade.” Os autores

ainda enfatizam que na TV a notícia passa por um processo de edição “[...] submetido ao rígido formato estabelecido pelo noticiário televisivo”.

Outro aspecto observado pelos autores é o número de informações de um telejornal, que é menor do que em outros meios. Conforme Vizeu e Mazzarolo (1999, p. 6), na construção do telejornal há “sempre uma preocupação com o equilíbrio, num todo relativamente coerente e integrado”. Tendo que optar entre notícias, o jornalista está sempre preocupado em fazer boas escolhas para manter a atenção do telespectador.

A pressão comercial pode ser citada como uma condição ligada às notícias de televisão, fazendo com que a TV noticie os fatos com mais ênfase. Para Vizeu e Mazzarolo (1999, p. 9) “essa preocupação leva o jornalismo televisivo a dar uma cobertura desproporcionada a fatos, ou aspectos que são espetaculares e espetacularmente gravados”.

Para Rezende (2000), a televisão e o rádio têm vantagens se comparados com os veículos impressos.

[...] talvez a principal virtude da comunicação eletrônica, advém da capacidade de abolir a barreira do tempo. Imediatos, rádio e televisão noticiam os fatos no mesmo tempo em que eles ocorrem. Tem-se então a possibilidade de eliminar o intervalo que separa o acontecimento de sua divulgação pela mídia (REZENDE, 2000, p. 70).

O autor considera o imediatismo a principal característica da televisão e do rádio. Os jornais e as revistas, por exemplo, precisam esperar para noticiar um fato por causa de questões técnicas. Rezende (2000, p.70) diz que “enquanto o rádio e a televisão podem informar com o máximo de imediatismo, os meios impressos dispõem de tempo e espaços suficientes para mostrar os fatos em seus múltiplos aspectos”.

Outra vantagem é que a TV tem a imagem a seu favor e usa isso como poder de mobilização social. Para Rezende (2000, p.71) a imagem “qualifica a TV como o meio de comunicação mais fascinante,” fazendo com que o telespectador crie uma intimidade com o meio.

Para Rezende (2000), a TV exerce seu papel principal quando mostra ao telespectador, com imagens o fato no momento em que ocorre. O autor cita Walter Sampaio (1971) quando fala sobre a importância que a televisão tem diante dos outros meios de comunicação

[...] a televisão opera com uma intensidade maior do que qualquer outro veículo, ‘uma relação direta e imediata’ com o vivenciado. Dessa maneira cumpre ao extremo das possibilidades a função referencial própria da narrativa jornalística, ao transportar para casa do telespectador as imagens do acontecimento acompanhadas dos comentários verbais que as esclarecem. (SAMPAIO, 1971 apud REZENDE, 2000, p. 73).

A imagem serve como uma espécie de prova da realidade na televisão. Causa a impressão de que nada pode ser diferente da imagem mostrada. Conforme Morán (1986) citado por Rezende (2000, p. 73) com a imagem “a TV ganha um altíssimo grau de veracidade, de poder referencial”.

O imediatismo e a relação da televisão com a verdade é defendido também por Squirra (1995). O autor se apropria da opinião de Wicker (1981) e diz que “como a televisão é tão imediata e atinge uma audiência tão vasta, com uma eficiência tecnológica surpreendente, ela parece capaz de tudo, inclusive de mostrar a verdade [...]” (WICKER, 1981 apud SQUIRRA, 1995, p.12).

A televisão vive o fato. Para Squirra (1995) a TV é um meio formado com características técnicas que dão a chance do telespectador acompanhar um acontecimento no momento em que ele ocorre ou logo depois.

A televisão é contemporânea ao fato [...]. Em vez de relatar o fato, ela o mostra em toda a sua dimensão. Ela pode, assim, atingir quantidade muito maior de sentidos humanos, já que se utiliza do movimento, da cor, do som e de toda a dramaticidade do acontecimento quase ao mesmo tempo em que ele se deu. [...] a televisão é cômoda, já que ela não exige esforço por parte do telespectador [...] (SQUIRRA, 1995, p.51).

A notícia na TV precisa ser apresentada com clareza, precisão e imparcialidade. Isso ajuda o telespectador a entender o assunto. Conforme Curado (2002, p. 20) “a notícia não deve levar o telespectador a parar por alguns momentos para refletir, tentando compreender o que acaba de ouvir”. A autora enfatiza que o bom entendimento que a televisão deve proporcionar ao telespectador começa na apuração rigorosa das informações. O desafio do jornalista é apresentar uma notícia limpa e verdadeira.

2.2 Gêneros e Formatos na televisão

Para Rezende (2009, p. 2), a categoria telejornalismo pode ser ramificada em Telejornal, Documentário, Reportagens Especiais, Entrevista, Programa de Debates, *Talk Show*, além de Plantão, das Retrospectivas de Fim de ano e dos Espetáculos

Midiáticos. Para o autor “o jornalismo está presente em programas híbridos, alternando ocorrências com subcategorias ficcionais, educativas e apresentações artísticas [...]”.

Ainda de acordo com o autor estão ligadas à categoria de Telejornalismo as subcategorias “entrevista, reportagem, programa de debate, documentário e telejornal” (REZENDE, 2009, p. 1). Como esta pesquisa é voltada essencialmente ao telejornalismo a subcategoria telejornal será estudada de forma mais ampla.

Sobre os gêneros e formatos presentes no telejornal, Rezende (2009) chama a atenção, pois “não se podem fixar limites rigorosos entre os gêneros e formatos jornalísticos na TV” (REZENDE, 2009, p. 8). De acordo com o autor, os gêneros opinativos e informativos podem estar relacionados.

Os gêneros opinativos não excluem, por exemplo, o que seria próprio do informativo: o relato objetivo do fato, o dado bruto. Por outro lado, nas matérias informativas a opinião, às vezes quando não explícita, subjaz implicitamente no decorrer de todas as filtragens que compõem o processo de produção jornalística: a elaboração da pauta, a copidescagem, a edição de notícias, a angulação, inconsciente ou não, com que o jornalista vê o acontecimento (REZENDE, 2009, p. 8).

Para Machado (2001), o telejornal é um lugar onde são abordados assuntos a respeito de eventos, é um conjunto de vozes, deste modo “[...] sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso com relação aos fatos relatados” (MACHADO, 2001, p. 104).

O telejornal é uma mistura de depoimentos e fontes que estão em constante transformação. Segundo Machado (2001, p. 110) as informações que estão em um telejornal são um processo aberto, em andamento, ao vivo e “ainda que utilize material pré-gravado ou de arquivo, em geral é ‘fechado’ poucos minutos antes de entrar no ar, ainda com as últimas notícias chegando a redação”. Este é o caso do objeto desta pesquisa, o Jornal do Almoço da RBS TV de Passo Fundo que é apresentado ao vivo. De acordo com Aronchi (2004) categoria e gênero estão sempre ligados a um formato. Em televisão

[...] vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria [...]. Concluímos que o termo *formato* é nomenclatura própria do meio (também utilizada em outros veículos, com o rádio) para identificar a *forma* e o *tipo* da produção de um gênero de programa de televisão. Formato está sempre associado a um *gênero*, assim

como *gênero* está diretamente ligado a uma *categoria* (ARONCHI, 2004, p. 45).

Ainda de acordo com Aronchi (2004, p. 149) no formato telejornal é comum ver “o apresentador lendo textos para a câmera, sem outras imagens nem ilustrações”. Essa forma existe até hoje. Um ou dois apresentadores leem textos no estúdio, apresentando as reportagens dos jornalistas que podem ter sido gravadas anteriormente ou até mesmo serem apresentadas em entradas ao vivo.

Rezende (2009) dá continuidade a suas pesquisas voltadas ao telejornalismo e designa ao gênero informativo, cinco formatos: nota, notícia, entrevista, reportagem e indicador.

NOTA: A nota é o modo mais simples e objetivo de contar um fato. De acordo Rezende (2009), a nota pode ser simples ou coberta. Na nota simples o apresentador “apenas lê em quadro, o texto preparado pelo editor de notícias”. Já a nota coberta, é formada por duas partes. “A cabeça¹ corresponde ao *lead*², é lida pelo apresentador em quadro ou ao vivo. Na segunda parte chamada de *off*³, o apresentador ou repórter faz a narração” (REZENDE, 2009, p. 10).

NOTÍCIA: É o relato de um fato. Rezende (2009, p. 10) complementa com a definição “é o relato de um fato mais completo do que a nota, por combinar a apresentação ao vivo e a narração em *off* coberta por imagens”. O autor ainda cita outra característica “é a ausência do repórter em quadro sua narração. Por isso a notícia nos telejornais tem duração curta, em média de 45 segundos, maior um pouco do que a nota, mas bem menor do que a reportagem”.

ENTREVISTA: Conversa entre um jornalista e um entrevistado, com o objetivo de conseguir informações. Para Rezende (2009, p. 11) tem “[...] o objetivo de extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ou de aspectos da vida pessoal do entrevistado”. De acordo com o autor, a entrevista pode ser durante a transmissão do telejornal, ao vivo, gravada ou editada.

¹ Cabeça é quando o jornalista abre a matéria aparecendo no vídeo. Rezende (2000).

² O *lead* apresenta os principais elementos de um fato (que, quem, quando, como, onde e por quê). Rezende (2000).

³ *Off* é parte da notícia gravada pelo repórter ou apresentador, para ser conjugada com as imagens do fato, sem que o rosto de quem faz a leitura apareça no vídeo. Rezende (2000).

REPORTAGEM: A reportagem traz um relato amplo e mais completo da notícia. Rezende (2009) utiliza-se da definição de Maciel (1995) “a mais complexa e mais completa forma de apresentação da notícia na televisão” (MACIEL, 1995 apud REZENDE, 2009, p. 11). Rezende (2009) ainda complementa que reportagem

[...] constitui-se de cinco partes: cabeça, off, boletim⁴, sonoras⁵ e nota pé⁶, mas pode configurar-se sem uma ou mais dessas partes. De duração mais longa, a reportagem incorpora, portanto, todas as outras formas de apresentação de notícias (REZENDE, 2009, p. 12).

Se tratando do assunto da reportagem, ainda podem ocorrer outras ramificações. Podem ser assuntos factuais ou matéria fria ou de gaveta. Rezende (2009) denomina factual para “acontecimentos do dia-a-dia, chamada de matéria quente que requer de divulgação imediata, sob pena de perder a atualidade e necessário impacto sobre o público [...]”. Sobre matéria fria ou de gaveta o autor esclarece que “não necessitam do atributo da atualidade [...] quando produzida para divulgação em dias de poucos acontecimentos” (REZENDE, 2009, p. 12).

Conforme Curado (2002, p. 43), a factual é a cobertura jornalística de um fato que está acontecendo “é o tipo mais simples de pauta, já que se refere a evento que está se desdobrando [...] oferece em poucas palavras sugestões para enfoques de cobertura”.

As pautas produzidas são pré-agendadas. O pauteiro⁷ antecipa as informações e pode buscar dados para a reportagem. Para Curado (2002) na produção da pauta não factual, o pauteiro pode marcar antes as gravações e entrevistas além de encontrar personagens para ilustrar a matéria. Em razão disso a autora conclui que a pauta produzida “não é o fato escancarado. A pauta produzida é uma pauta de investigação” (CURADO, 2002, p. 43).

Para as autoras Bistane e Bacellar (2008), as pautas produzidas são planejadas para que uma equipe saia da emissora com um objetivo traçado. Por isso, os dados da matéria são conferidos antes, ainda na redação. O objetivo é garantir que a equipe feche

⁴ Boletim também pode ser chamado de Stand Up. É quando o repórter está no local do fato em transmissão ao vivo ou gravada, dirigindo-se para a câmera para relatar um fato. Rezende (2000).

⁵ Sonora é a fala dos entrevistados nas reportagens. Rezende (2000).

⁶ Nota pé vem depois da reportagem com informações complementares. Bistane; Bacellar (2008).

⁷ O pauteiro marca as entrevistas, pede autorização para gravar imagens, levanta dados por telefone, organiza informações e faz um roteiro de trabalho para a equipe de reportagem. Bistane; Bacellar (2008).

o material para que o editor chefe não corra o risco de ficar sem a reportagem no fechamento do jornal. Elas apresentam uma visão crítica sobre as pautas produzidas

Hoje um dos vícios do telejornalismo é combinar toda a pauta na redação. Repórter e cinegrafistas saem tendo em mão um roteiro de trabalho ‘amarrado’ com o nome dos entrevistados, local e a que horas estão marcadas as gravações, e o que se espera da matéria [...]. Pauta não pode ser uma camisa-de-força, até porque é produzida por telefone na redação. Tem que ser complementada, enriquecida pelas testemunhas dos acontecimentos (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 51).

INDICADOR: São matérias com base em dados. Rezende (2009) explica que elas “indicam tendências ou resultados de natureza diversa, de utilidade para o telespectador em eventuais tomadas de decisões, o que lhes dá o sentido de um jornalismo de serviço”. O pesquisador ainda ressalta que “esses indicadores podem ter um caráter permanente, caso das previsões meteorológicas, números do mercado financeiro e informações e trânsito ou temporário [...]” (REZENDE, 2009, p. 12).

2.3 Telejornalismo Local

Considerando que este trabalho tem forte ligação com o telejornalismo local, faz-se importante entender a relação estabelecida entre um telejornal local e regional com a cidade de origem. Por isso, assistir a um telejornal da sua cidade ou da região permite que o telespectador tenha uma ligação de proximidade com o veículo de comunicação. Mata (2013, p. 80) descreve telejornalismo local como “a criação e manutenção de um vínculo de pertencimento e identidade entre as emissoras locais e regionais [...]”.

Essa relação entre a sociedade e o meio local é segundo o autor um sentimento que permite ao telespectador ver sua vida na TV. Para Mata (2013, p. 21) a “inserção popular no telejornal local, nos ajuda a compreender como os meios de comunicação de massa conquistaram um lugar relevante de significado cultural e social na sociedade contemporânea”.

A produção de programas locais reforça a identidade local e regional. Conforme Hinerasky (2003, p. 183) “as televisões regionais atuam, então, como um espaço importante de identificação para a população das regiões onde atuam”. No Rio Grande do Sul essa identidade ganha força com a cultura gaúcha. Hinerasky (2003, p. 183) ressalta que “a questão regional possui importância inexorável devido a diversidade étnico-cultural e ao fato de a identidade cultural ser fortemente institucionalizada [...]”.

O telejornalismo local é abordado neste estudo, por se tratar de uma característica da RBS TV Passo Fundo, emissora em que a pesquisa é embasada. Klein (2013, p. 50) colabora com os estudos sobre contextos regionais no Rio Grande do Sul e diz que a RBS TV ganha destaque regional, pois “não deixa de valorizar o local e o regional, tendo ali uma de suas principais fontes de informação e de mercado”.

A RBS TV trabalha em rede e por isso atua há décadas na programação local, estadual e nacional. De acordo com Klein (2013) a emissora “mantém há vários anos a hegemonia estadual, regional e local de televisão, ao mesmo tempo em que, como afiliada a rede Globo participa da hegemonia televisiva nacional” (KLEIN, 2013, p. 51).

3 TEORIA ORGANIZACIONAL

Na teoria organizacional a notícia é como um produto e as normas da empresa sobrepõem o modo de pensar do jornalista. Essa estrutura intervém “no processo de escolha e seleção das informações [...] e insere o jornalista no seu contexto mais imediato, a organização onde trabalha” (PICCININ, 2005, p. 129).

Além disso, liga o profissional com a organização por meio de processos burocráticos, que criam um limite nas escolhas do jornalista. Tais aspectos influenciam no modo de produção das notícias. Para Piccinin (2005) essa teoria explica como as notícias são produzidas, selecionadas e exibidas e ainda

[...] busca fazer uma análise mais ampla do processo de seleção e tratamento da informação, a partir de todo um conjunto de interferências que a notícia sofre desde a pauta até a publicação. Assim avalia-se todo o caminho da notícia via atividade profissional do jornalista (PICCININ, 2005, p. 129).

Para Piccinin (2005, p. 129) “o jornalista sobrepõe as normas da política editorial da organização a qualquer crença pessoal que tenha ou traga consigo”. Sobre o telejornal, objeto de pesquisa neste estudo, a autora chama a atenção para a “importância da cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos na formatação do telejornal”.

Para a autora o jornalista se conforma com a linha editorial do veículo o que faz com que isso ultrapasse a ideologia pessoal. A autora explica que “Breed chama de ‘conformismo’ do profissional com os pontos de vistas da direção da empresa jornalística, e que se tornam mais fortes que suas próprias crenças pessoais” (PICCININ, 2005, p. 129).

Essa cultura se insere de forma subjetiva na vida do profissional. Piccinin (2005, p. 129) chega a dizer que para amenizar esta situação, a empresa se utiliza de critérios e rotinas da produção de notícias para “neutralizar quaisquer críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos limites cognitivos da racionalidade”. Em outras palavras, essa rotina incorporada serve como garantia ao jornalista que não deve expor opiniões

[...] a ideia é criar critérios de noticiabilidade para que se possa dar conta de fazer a seleção da informação que chega à redação de acordo com as normas profissionais que incluam essa informação ou não, na categoria notícia, e para que se possa viabilizar o noticiário frente a superabundância de material [...] (PICCININ, 2005, p. 129).

Deste modo, pode-se dizer que quem define como as notícias serão apresentadas são as organizações e não o jornalista. Isso acontece através da noticiabilidade que, para Piccinin (2005, p. 129), trata da “transformação dos acontecimentos em notícias, relacionada não só às influências e relações editoriais, mas também ao que se chama de constrangimentos organizacionais”.

No telejornal essas situações são percebidas de forma clara. Para Piccinin (2005) isso acontece porque “a rotina diária de produção e exibição está submetida a uma série de limitações e operações que, muitas vezes, não têm, nem de longe, relação com a seleção da notícia por sua importância editorial” (PICCININ, 2005, p. 129).

Além disso, na televisão existem fatores específicos da estrutura organizacional que prejudicam mais a seleção. Segundo a autora, uma “série de procedimentos operacionais que são determinantes na exibição da matéria e que não tem exatamente a ver com os critérios editoriais [...]” (PICCININ, 2005, p. 130).

Um exemplo dessas limitações é a pressão no fechamento do telejornal que, segundo Piccinin (2005, p. 130), delimita um “prazo de entrega das matérias na redação pelas equipes da reportagem que estão na rua – por exemplo, pode definir ou não a entrada da matéria no telejornal”.

3.1 Teoria do Newsmaking

Ao encontro com a teoria organizacional temos a teoria do *Newsmaking* onde os critérios de importância e noticiabilidade são tratados por Wolf (1987). Para o pesquisador essa teoria trabalha a “cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (WOLF, 1987, p. 167).

Com a produção de informações em grande quantidade, Wolf (1987) estuda a cultura profissional e os limites da organização do trabalho.

[...] para os jornalistas a eficiência existe para permitir o rendimento de três recursos de são escassos: o pessoal, o formato e o tempo de produção. Os órgãos de informação têm que ser eficientes na medida em que se espera que forneçam ao público as notícias mais actualizadas em tempos pré-estabelecidos (WOLF, 1987, p.215).

Para o autor existem relações entre as características de um veículo de comunicação e a bagagem cultural do profissional. Essa relação é “absolutamente estreita e vinculativa, o que define precisamente, o conjunto de características que os

acontecimentos devem possuir para poderem ser transformados em notícias [...]” (WOLF, 1987, p. 168).

Wolf (1987) denomina essas características como critérios de noticiabilidade, que funcionam como regras, que os assuntos devem seguir para se transformar em notícia. Para o autor o que não se encaixa nestas regras deve ser eliminado. Desta forma os critérios de noticiabilidade são como um

[...] conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas [...] e está estreitamente relacionada com os processos de rotinização e de estandardização das práticas produtivas [...] (WOLF, 1987, p. 168).

Segundo Wolf (1987) os valores relacionados a importância e ao interesse da notícia são

Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação (WOLF, 1987, p. 178).

As rotinas ajudam a administrar e organizar o trabalho e o tempo nas redações. Wolf (1987) chega a dizer que a rotina produtiva aumenta a importância dos valores-notícia. Para o pesquisador existem três fases principais na produção de informações: “a recolha, a seleção e a apresentação” (WOLF, 1987, p. 193).

Para Wolf (1987, p. 215) a recolha de informações é “influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias” Já a seleção das notícias é a escolha do que vai se tornar notícia ou não e “pode ser comparado a um funil do qual se colocam inúmeros dados de que apenas um número restrito consegue ser filtrado”.

O autor também ressalta que notícias podem ser incluídas de última hora, e que diversas restrições podem controlar essa escolha. A seleção é feita pelo *gatekeeper* que segundo Wolf (1987, p.160), é como um selecionador que bloqueia ou não as notícias.

4 ANÁLISE

A análise desta pesquisa foi construída com o método qualitativo com a utilização dos conceitos de Bauer e Gaskell (2000) sobre o processo produtivo no jornalismo televisivo. Para os autores a pesquisa qualitativa trabalha com interpretações e evita números. Para os autores este tipo de análise exige tempo e esforço, “na essência, elas implicam na imersão do próprio pesquisador no *corpus* do texto. No processo de ler e reler, as técnicas tradicionais empregadas [...] incluem: marcar e realçar, acrescentando notas e comentários ao texto [...]” (BAUER; GASKELL, 2000, p. 85).

Ainda sobre as entrevistas, Bauer e Gaskell (2000) dizem que organizar de forma acessível a estrutura dos dados pode auxiliar na análise do conteúdo.

À medida que as transcrições são lidas e relidas, tome nota das ideias que vêm a mente. Conserve sempre a sua frente as finalidades e os objetivos da pesquisa, procure padrões e conexões, tente descobrir um referencial mais amplo e vá além do detalhe particular. [...] vá em busca de contradições, da maneira como as atitudes e opiniões se desenvolvem nas entrevistas, e de clássicas racionalizações (BAUER; GASKELL, 2000, p. 85).

Os autores ressaltam que “a análise não é um processo mecânico”. Outras orientações de Bauer e Gaskell (2000) é que durante a interpretação do conteúdo o pesquisador volte ao material bruto “tanto para as transcrições quanto para as gravações”. Isso porque para os autores “algumas vezes, um único comentário assumirá repentinamente um significado importante e irá surgir um novo modo de olhar para as entrevistas [...]” (BAUER; GASKELL, 2000, p. 86).

Esta pesquisadora adquiriu grande parte dos dados apresentados a seguir por meio da observação participante que realizou na RBS TV Passo Fundo. As observações específicas foram adquiridas durante um acompanhamento ao trabalho realizado na redação da emissora entre os dias 19 e 23 de outubro de 2015. Como esta pesquisadora também desempenha estágio na emissora fez disso uma oportunidade para adicionar detalhes a pesquisa observados de modo informal desde que começou a atuar na equipe.

Para Bauer e Gaskell (2000) na observação participante o pesquisador pode ampliar e aprofundar as informações. Segundo os autores, “o pesquisador está aberto a uma maior amplitude e profundidade de informação, é capaz de triangular diferentes impressões e observações, e consegue conferir discrepâncias emergentes no decurso do trabalho de campo” (BAUER; GASKELL, 2000, p. 72).

A pesquisa tem a pretensão de analisar a produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo e compreender se a falta de tempo pode interferir na qualidade das

notícias, levando em conta que este é o principal telejornal regional do Norte do Rio Grande do Sul com mais de 900 mil telespectadores.

Neste capítulo estão os apontamentos adquiridos através de entrevistas realizadas com doze profissionais que trabalham na produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo e as questões observadas por esta pesquisadora com a observação participante. Foram entrevistados: Mateus Rodighero - coordenador de jornalismo e apresentador, Francieli Alonso – repórter, editora e apresentadora, os repórteres: Fábio Lehmen, Eder Calegari, Greici Mattos e Cintia Furlani, os repórteres cinematográficos: Jorge Martins, Leandro Panke, Jeferson Barbosa e João Mauricio Malheiros, e os editores Jucimar Peccin e Milena Lopes. As entrevistas foram realizadas entre os dias 19 e 23 de Outubro de 2015. A pesquisadora buscou seguir as orientações dos autores Bauer e Gaskell (2000) na análise das respostas obtidas com as entrevistas, ou seja, procurar sentidos e compreender os dados.

Segundo informações do site da Rede Globo (<http://redeglobo.globo.com/rs>), o Grupo RBS é a mais antiga filiada da Rede Globo com emissora no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Pioneira no modelo regional de televisão no Brasil, a RBS TV tem 18 emissoras distribuídas nos dois estados e mais de 17 milhões de telespectadores e ainda de acordo com o site “possui 85% da grade de programação da Rede Globo e 15% voltada ao público local”.

4.1 RBSTV Passo Fundo

Atualmente a RBS TV dispõe de aproximadamente três horas para o telejornalismo, distribuídas nos telejornais *Bom dia Rio Grande*, *Jornal do Almoço* e *RBS Notícias* para todo o estado. Dentre as 12 afiliadas gaúchas está a RBS TV Passo Fundo. O Jornal do Almoço é o único programa apresentado localmente. Em Passo Fundo, são três blocos de JA apresentados atualmente por Mateus Rodighero e Francieli Alonso. O telejornal ao vivo de quinze minutos vai ao ar de segunda a sábado para Passo Fundo e outros 84 municípios do Norte do Rio Grande do Sul.

A RBS TV Passo Fundo foi inaugurada em 28 de maio de 1980, na época como TV Umbú, canal 7. De acordo com reportagem especial exibida em maio de 2015 no Jornal do Almoço (<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/passou-fundo/v/rbs-tv-passou-fundo-comemora-35-anos/4218252/>), a emissora surge no final da década de 70, por iniciativa do advogado Paulo Giongo que,

interessado em fundar uma emissora de televisão em Passo Fundo, decidiu disputar por uma concessão pública de TV.

A concessão foi conquistada e no início da década de 80 começa a ser construído o prédio onde a emissora se localiza até hoje, na Rua Princesa Isabel, s/nº no bairro Petrópolis em Passo Fundo.

Ainda de acordo com a reportagem, sendo o primeiro canal de TV aberta e com programação local em Passo Fundo, era difícil manter 24 horas de programação no ar. Por isso, surge a parceria com a RBS TV afiliada da Rede Globo. A TV Umbú passou a reproduzir novelas e programação nacional da Globo e da RBS.

Conforme a reportagem, a RBS TV Passo Fundo é a maior emissora de televisão da região Norte do Rio Grande do Sul e têm cerca de 900 mil telespectadores espalhados por 84 municípios de cobertura. A emissora completou em 2015, 35 anos de informação, entretenimento e tem forte ligação com a comunidade de Passo Fundo.

4.2 Jornal do Almoço Porto Alegre

Em 1972 começa a ser exibido em Porto Alegre o Jornal do Almoço, que é de acordo com informações do site da Rede Globo (<http://redeglobo.globo.com/rs>) o principal programa da RBS TV. Cruz (2006, p. 26) afirma que “o JA foi ao ar pela então TV Gaúcha, alternando a rotina dos gaúchos, quanto ao horário de apresentação”. O autor explica que o programa buscou para si audiência e patrocinadores de forma nunca vista no Brasil, em um espaço na grade de programação que não tinha muito público.

Para Cruz (2006) em 1979 o telejornal viveu um momento importante “com o surgimento da Rede Regional de Notícias que uniu todas as sucursais da RBS TV no Rio Grande do Sul”. Ainda de acordo com o autor foi a partir de 1980 que o telejornal se firmou e conseguiu prestígio no estado “colocando-se como o noticiário que possui o maior alcance dentre as regiões do estado, constituindo-se assim, em um lugar de produção regional” (CRUZ, 2006, p. 26).

Exibido de segunda-feira a sábado, o JA vai ao ar ao vivo de Porto Alegre com notícias das editorias de economia, política, policial e entretenimento. O telejornal pode ter séries, reportagens especiais, comentários e chamadas para programas da própria emissora. Segundo Cruz (2006, p. 26) o Jornal do Almoço também informa “a previsão do tempo, e mostra entrevistas ao vivo no estúdio e externas”.

Apresentado atualmente pela jornalista Cristina Ranzolin, o JA estadual tem cerca de 50 minutos. Cruz (2006) explica que o telejornal “[...] intercala blocos⁸ de interesse geral, transmitidos na maioria das vezes pela principal emissora (Porto Alegre), com blocos específicos para cada região” (CRUZ, 2006, p. 27).

O primeiro e o último bloco do JA são apresentados ao vivo de Porto Alegre. É a partir do segundo bloco que as emissoras locais assumem a apresentação da sua região. Na região Norte do RS, a programação vai ao ar pela RBS TV Passo Fundo. Uma passagem de bloco⁹ informa que o JA de Passo Fundo está começando.

Cruz (2006, p. 27) explica a importância da chamada para o interior do estado. O JA “apresenta uma vinheta sonora¹⁰ de abertura o que vem a fortalecer a sua identidade junto ao seu cativo público telespectador”. O telejornalismo local transmitido através da RBS TV Passo Fundo estabelece uma identidade com a comunidade da cidade e outros 83 municípios da região Norte do estado do Rio Grande do Sul.

4.3 Organização da produção do JA Passo Fundo

Para compreender a rotina de trabalho em uma redação de televisão, é importante saber como a equipe profissional é formada e como esses profissionais se organizam. Para Curado (2002, p. 28) o profissional de TV deve saber trabalhar em equipe e conhecer a “correta distribuição de responsabilidades”.

Rezende (2000) traz a colaboração da repórter Sandra Passarinho (1994) que entende a importância do trabalho em equipe na televisão. De acordo com ela “o eu não existe na televisão. O repórter sozinho não faz nada. A reportagem para dar certo precisa do repórter, do cinegrafista, do iluminador e do operador de áudio, a equipe tem que ser a mais entrosada possível” (PASSARINHO, 1994 apud REZENDE, 2000, p. 72).

Curado (2002, p. 28) destaca que “uma redação de qualquer tamanho terá o mesmo conceito estrutural”. A autora apresenta os cargos e funções encontrados em redações de TV: diretor responsável, diretor executivo ou chefe de redação, chefe de reportagem, supervisor de imagens ou chefe de operações, apurador, pauteiro, produtor de pauta, repórter (local, regional, nacional e internacional), repórter cinematográfico,

⁸ Segmentos do jornal separados por anúncios publicitários. Bistane; Bacellar (2008).

⁹ Textos e imagens que encerram um bloco do jornal e chamam reportagens que serão apresentadas depois do intervalo. Bistane; Bacellar (2008).

¹⁰ Chamada de curta duração que destaca a passagem e o reinício de programas. Curado (2002).

assistente, operador, coordenador de vivo, produtor de campo, editor de texto, produtor editor, editor de arte, editor de imagens, âncora, apresentador, locutor de cabine, coordenador de jornal, câmera de estúdio, diretor de TV, operador de VT, operador de áudio / sonoplasta, assistente de estúdio e operador de caracteres.

Curado (2002, p. 28) lembra que “os cargos e as funções descritos podem ter outros títulos e atribuições ligeiramente diferentes em casa empresa”. Deste modo, alguns cargos e funções citados anteriormente pela autora serão suprimidos desta pesquisa para serem contemplados no estudo somente os cargos e funções presentes na RBS TV Passo Fundo.

A pesquisa de observação participante informal, executada há mais de um ano, aliada ao estágio que realiza na RBS TV Passo Fundo, permitiu a pesquisadora o acesso a produção do Jornal do Almoço da emissora local e o conhecimento do ambiente de trabalho da redação da emissora.

De acordo com esta pesquisa observacional pode-se afirmar que na RBS TV Passo Fundo algumas funções são acumuladas pelos profissionais que trabalham no local. Isso acontece porque a RBS TV Passo Fundo é uma emissora regional, que não dispõe do mesmo número de profissionais que uma emissora cabeça-de-rede¹¹, como é o caso, por exemplo, da RBS TV de Porto Alegre.

O Coordenador de Jornalismo da RBS TV Passo Fundo, Mateus Rodighero ocupa o cargo máximo na redação. Além de exercer as funções deste cargo, o profissional ainda desempenha as atividades de chefe de redação e chefe de reportagem.

Ele comanda essas funções por meio da visão ampla dos assuntos que estão em pauta e deste modo estabelece “a prioridade com que devem ser feitos com o completo controle e conhecimento de todos os meios materiais à disposição da reportagem: pessoal e equipamento” (CURADO, 2002, p. 30). Ainda de acordo com Curado (2002, p. 57) o coordenador de jornalismo atua como “uma espécie de inspetor de disciplina da equipe”.

Mateus Rodighero também é âncora do JA Passo Fundo junto com a jornalista Francieli Alonso. Curado (2002) define âncora como o profissional que conhece toda a produção do telejornal e que tem autoridade “é o apresentador do programa que acumula essa atividade com a de editor-chefe ou editor – executivo” (CURADO, 2002, p. 54).

¹¹ Controla um centro de produção, que tem ligada a si outras emissoras denominadas como afiliadas. Klein (2013).

Mateus tem conhecimento amplo dos materiais técnicos disponíveis na emissora, organiza a rotina de trabalho das equipes, faz as escalas de trabalho, monitora o ponto dos funcionários e ainda representa o *gatekeeper* da redação, expressão utilizada por Wolf (1987) para definir quem tem o poder de decisão e dá o aval para a produção das reportagens. Quando surge um fato de última hora, é ele que decide se a notícia vai ou não ser exibida e também em que formato.

A redação da RBS TV Passo Fundo contava com cinco repórteres na época em que esta pesquisa estava em andamento, são eles: Eder Calegari, Cintia Furlani, Greici Mattos, Fábio Lehmen e Francieli Alonso. O repórter Mateus Koelzer também é parte da equipe, mas estava afastado do trabalho no momento em que esta pesquisa foi realizada, pois havia feito uma cirurgia. Todos os demais estavam trabalhando de forma simultânea para a produção de reportagens para o Jornal do Almoço. Conforme Curado (2002, p. 46) o repórter “reúne as informações, faz as entrevistas e apronta o texto da reportagem”.

Quanto à captação de imagens a responsabilidade é dos repórteres cinematográficos da emissora: Leandro Panke, Jeferson Barbosa, Jorge Martins e João Maurício Malheiros. Atualmente quatro profissionais trabalham nesta função na RBS TV Passo Fundo. Para Curado (2002, p. 50) “o cinegrafista capta as imagens que irão ao ar”.

Estes profissionais também acumulam essa função com a de Câmera de Estúdio, um cargo definido por Curado (2002, p. 58) como o que “filma os apresentadores nas bancadas e os entrevistados no estúdio”. Se comparado com o número de repórteres, há um repórter cinematográfico a menos na redação. Isso impõe ao coordenador de telejornalismo fazer um rodízio diário diferenciado para definir qual repórter não vai sair para gravação externa em algum período do dia.

Após o término da gravação externas, os dois editores Jucimar Peccin e Milena Lopes são responsáveis por editar as reportagens. Para Curado (2002, p. 54) o trabalho do editor de imagens é “alinhar a sequência de imagens e de áudio gravados e as organiza segundo os critérios definidos pela edição”. Estes profissionais também acumulam funções. Um de Diretor de TV, que Curado (2002, p. 58) define como o que “passa de uma câmera para a outra e para os videotapes ou vivos”. O outro acumula com a função de Operador de Áudio que “abre o som dos microfones e os modula para a exibição” (CURADO, 2002, p. 59).

Duas estudantes de jornalismo realizam estágio na RBS TV Passo Fundo, condição em que se inclui esta pesquisadora. As estagiárias Júlia Possa e Thaís de Almeida desempenham seu trabalho na função de Produtor de Pauta, auxiliando o trabalho dos repórteres. Conforme Curado (2002, p. 44) o produtor trabalha direto com a pauta e é responsável por “realizar as marcações – isto é, encontrar os entrevistados, fazer o levantamento das imagens, visualizar a matéria antes que a equipe vá para a rua”. O esquema de trabalho da redação da RBS TV Passo Fundo está organizado em um organograma que pode ser encontrado no apêndice desta pesquisa.

A partir da pesquisa observacional esta pesquisadora constatou que o telejornal apresenta cerca de três manchetes diárias. Existem exceções em que o telejornal não começa com a escalada¹². A escalada geralmente é suprimida quando o número de notícias é relativamente grande para o telejornal com duração de quinze minutos.

Em todas as edições o Jornal do Almoço “transmite informações de sua bancada e através de reportagens” (CRUZ, 2006, p. 27). O JA também contempla assuntos com entrevistas ao vivo no estúdio ou em locais externos da própria emissora. Também podem ocorrer entradas ao vivo do repórter em locais diferenciados da cidade. Através da pesquisa observacional esta pesquisadora notou que isso ocorre apenas em casos específicos. O motivo é que a emissora local não dispõe atualmente de um equipamento necessário para que entradas ao vivo de outros locais sejam realizadas com frequência. Este equipamento vem da emissora matriz que fica em Porto Alegre e nem sempre é acessível devido a sua indisponibilidade.

No estúdio além dos apresentadores trabalham dois repórteres cinematográficos que operam as câmeras. Em algumas exceções apenas um cinegrafista opera as câmeras no estúdio. Isso ocorre quando algum fato factual acontece e uma equipe precisa se deslocar sem um planejamento prévio para cobrir o evento. Simultaneamente na produção trabalham o diretor de imagens, o operador de áudio, o operador de TP¹³ e *switcher*.

No decorrer desta pesquisa o telejornal que era exibido diariamente durante a noite foi suprimido da programação da RBS TV Passo Fundo. Isso fez parte de uma série de adequações que a RBS submeteu a suas afiliadas. O *RBS Notícias* deixou de ser produzido e exibido localmente. Essa mudança alterou a rotina dos jornalistas na

¹² Manchetes sobre os principais assuntos do dia que abrem o jornal. Bistane; Bacellar (2008).

¹³ Abreviação de *Teleprompter*. Equipamento adaptado às câmeras de estúdio que permite a visualização dos textos lidos a distância por quem está na bancada. Bistane; Bacellar (2008).

produção do telejornalismo local. Com isso o Jornal do Almoço começa a ser estruturado sempre um dia antes da sua edição. Antes o JA não tinha essa margem de tempo tão extensa para sua produção.

Na produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo, existem rotinas incorporadas no dia a dia. Tais procedimentos ajudam a planejar o trabalho e organizar as equipes. Assim que o telejornal termina, a equipe se reúne na redação para discutir as pautas para o Jornal do Almoço do dia seguinte. Já no dia da exibição, a produção começa por volta das sete horas da manhã com ligações para os principais departamentos de segurança de Passo Fundo e região com a intenção de descobrir se ocorrências mais graves foram atendidas nas últimas horas. Logo após, por volta das 7 horas e 30 minutos, a apresentadora e editora do telejornal Francieli Alonso participa de uma teleconferência com todas as emissoras do estado para discutir e ofertar assuntos e reportagens relevantes para o JA de Porto Alegre.

Além de reportagens, a emissora de Porto Alegre também pode solicitar somente imagens ou até mesmo entradas ao vivo no telejornal estadual. Isso depende muito do assunto tratado. As emissoras do interior precisam cumprir metas de reportagens veiculadas nos telejornais estaduais por isso é tão importante essa oferta diária de material. Ao cumprir essas metas a emissora reforça seu papel social perante a comunidade local, levando fatos de Passo Fundo e região para o conhecimento de todo o estado.

Os primeiros fatos do dia são coletados na ronda e os que merecem destaque já são inseridos no espelho. Para Rezende (2000, p. 146) o espelho “sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada bloco, bem como dos intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento”. Ainda no início da manhã, são decididos quais assuntos vão estar no telejornal e qual o formato dessas notícias. Uma triagem inicial dos fatos é realizada pela editora e apresentadora do JA Francieli Alonso. Posteriormente essas escolhas são aprovadas ou não pelo coordenador de jornalismo Mateus Rodighero.

Ainda de acordo com a pesquisa observacional, pode-se afirmar que tendo os assuntos definidos, as equipes começam a se organizar para sair gravar. Se for uma reportagem factual a equipe se desloca de forma mais rápida para não perder o fato. Caso seja uma matéria mais produzida, não existe tanta pressa para fechar o material e consequentemente tudo pode ser feito com mais calma. Geralmente a estagiária da manhã faz a produção antes do repórter sair para gravar.

Enquanto as equipes estão na rua produzindo o material, os editores do JA Francieli Alonso e Mateus Rodighero organizam os blocos e escrevem as manchetes da escalada. Rezende (2000, p. 147) explica que a escalada é a primeira parte do espelho, sua “função é despertar e manter a atenção e o interesse do telespectador do início ao final do noticiário”. Ela pode ser comparada com a capa de um jornal impresso.

Esta pesquisadora também observou que quando as equipes retornam das gravações os editores de imagem ficam responsáveis por descarregar as imagens do cartão da câmera na ilha de edição¹⁴ enquanto o repórter escreve o texto. Depois do texto pronto o repórter grava e o editor de imagem edita a matéria, salvo algumas exceções em que o editor não tem tempo para editar, pois está realizando outras demandas e o repórter mesmo edita o material.

Os editores de imagem quando necessário, também editam versões diferentes de uma mesma reportagem para a RBS TV de Porto Alegre. Podem ser apenas imagens ou reportagens completas que foram ofertadas anteriormente. Este material quando pronto é enviado via rede para a emissora matriz na capital gaúcha.

O fato de o repórter precisar editar a reportagem pode ser classificado como acúmulo de função. O repórter Eder Calegari que é mais ligado ao factual do telejornal edita suas reportagens quase que diariamente. Isso acontece para que haja um fluxo de trabalho mais intenso e rápido na produção do telejornal. Não desclassificando ainda que alguns repórteres preferem por vontade própria editar ou estruturar suas reportagens no momento da edição.

A partir da pesquisa observacional participante, esta pesquisadora ficou atenta aos horários de trabalho das equipes. A primeira dupla de repórter e cinegrafista começa a trabalhar antes das oito horas da manhã e quando devem fazer uma reportagem para ser o JA do mesmo dia, a equipe tem no máximo três horas e meia para produzir todo o material. Essa produção inclui o agendamento com as fontes, o deslocamento, a gravação de imagens de apoio, entrevistas e passagem do repórter, texto e edição. Caso a equipe não consiga finalizar o material a tempo a reportagem corre o risco de não ser exibida, além de comprometer o planejamento do telejornal.

A segunda equipe inicia por volta das nove horas da manhã. Quando é para o JA esta equipe geralmente não fecha reportagem, opta por formatos mais rápidos para a

¹⁴ Ambiente onde ficam os equipamentos de videoteipes para as montagens das matérias. Bistane; Bacelar (2008).

produção, como *stand up*¹⁵ ou entradas ao vivo. Estes horários podem sofrer alguma alteração dependendo do agendamento anterior de pautas por parte dos repórteres.

Durante a manhã os dois editores / apresentadores escrevem o script do telejornal enquanto esperam o conteúdo que precisa ser finalizado ou que está em produção na rua. Durante o processo de construção do script, já com os assuntos e formatos delimitados, chegam novas sugestões de pauta na redação. Sempre que uma sugestão nova aparece via telefone, e-mail ou até mesmo por telespectadores que se deslocam até a RBS TV os jornalistas avaliam se é interessante ou não. Esse processo de avaliação é constante, pois se um fato novo for relevante pode ganhar espaço no telejornal em produção.

De acordo com a pesquisa observacional participante desta pesquisadora, pode-se afirmar que o espelho do telejornal é fechado por volta do meio dia. Próximo deste horário as laudas e os espelhos são impressos e toda a equipe toma seus postos na produção e estúdio do telejornal. Essa é a hora em que o *dead line* mais implica na equipe que está focada no que ainda precisa ser feito para que o telejornal seja exibido de maneira correta. Importante ressaltar que o JA é um telejornal feito ao vivo e por isso o *dead line* deve ser cumprido à risca.

Conforme observado pela pesquisadora já ocorreram situações em que uma reportagem não ficou pronta a tempo para ser exibida no telejornal. Isso obrigou os apresentadores a alterar a ordem dos blocos do JA. Essas mudanças podem comprometer uma estrutura já estabelecida anteriormente no script do telejornal. Além disso, outra questão que deve ser considerada é que se o VT programado não é exibido o telejornal não fecha o tempo necessário de 15 minutos de exibição.

É importante ressaltar que o Jornal do Almoço deve obedecer ao seu tempo estimado de quinze minutos. Na pior das hipóteses se o telejornal não fechar este tempo um relatório é gerado pelo setor de exibição da emissora e é encaminhado para a coordenação de programação em Porto Alegre, que solicita ao coordenador de jornalismo local uma explicação sobre o problema. O principal agravante neste caso é que a emissora deixa de utilizar esse espaço com conteúdo jornalístico. Essas situações e mudanças em cima da hora causam muita tensão na equipe que precisa estar atenta a diversos detalhes na apresentação do telejornal.

¹⁵ Também pode ser chamado que *flash* ou boletim. Usado para noticiar um fato em cima da hora ou que não se tem imagem. Bistane; Baccelar (2008).

Organizado em três blocos, o Jornal do Almoço de Passo Fundo pode distribuir de forma que melhor se adéqua o tempo dos blocos, tanto que a soma dos mesmos seja um total de quinze minutos. Rezende (2000) afirma as reportagens são distribuídas em blocos e que estes “[...] são separados por intervalos para os comerciais e chamadas para outros programas da emissora. Esses intervalos normalmente começam e terminam com vinhetas que identificam o programa [...]” (REZENDE, 2000, p. 147).

No fim de cada bloco o apresentador faz uma chamada para o próximo. No caso do Jornal do Almoço de Passo Fundo o último “a seguir” é utilizado para chamar o telespectador para o último bloco do JA ao vivo de Porto Alegre. Rezende (2000, p. 148) diz que “por meio das passagens de bloco são chamadas sob a forma de pequenas manchetes relativas as informações principais que serão veiculadas no bloco seguinte”.

Esta pesquisadora observou que existem limitações que podem atrapalhar ou até mesmo comprometer a exibição do telejornal. Podem ser citados aqui problemas na rede quando um VT não chega ao sistema online da exibição e quando equipamentos essenciais para o telejornal apresentam problemas, como microfones, pilhas dos microfones ou TP.

Quando estes problemas operacionais acontecem com o jornal no ar a produção pode deixar de exibir uma reportagem ou não ter a condição de prosseguir uma entrevista. É importante ressaltar que tais situações não são frequentes, mas quando acontecem interferem de forma negativa na produção, apresentação e exibição do telejornal.

4.4 Análise das Entrevistas

A seguir estão os apontamentos adquiridos através das doze entrevistas realizadas com os profissionais que atuam como jornalistas, editores e repórteres cinematográficos na RBS TV Passo Fundo. O coordenador de jornalismo da emissora recebeu perguntas diferentes dos demais funcionários. As perguntas foram diferenciadas porque esta pesquisadora sentiu a necessidade de questionar sobre assuntos mais específicos da gestão ao coordenador da equipe.

Todos trabalham na emissora na produção do JA e contribuem diariamente com a construção das notícias do telejornal. Algumas categorias foram elencadas, a fim de organizar as observações relatadas pelos profissionais. As entrevistas podem ser

encontradas na íntegra em anexo nesta pesquisa organizados nos apêndices B, C, D, E e F.

4.4.1 Tempo para cumprir as tarefas

A RBS TV Passo Fundo dispõe de cinco repórteres que produzem conteúdo para o JA. Quatro profissionais foram entrevistados. O repórter que começa a trabalhar no início da manhã é mais ligado com as pautas factuais do Jornal do Almoço. Mas isso não impede que qualquer repórter faça uma pauta factual. O único fator que delimita isso é o período em que os fatos acontecem. Essa escala pode mudar, dependendo do número de pautas factuais ou produzidas que ocorrem durante o dia.

O repórter e editor Eder Calegari tem um contrato de trabalho de sete horas mais uma diariamente na emissora. Ele é o primeiro repórter escalado na equipe da manhã. Pautas factuais que acontecem no início do dia são repassadas a ele. De acordo com o profissional, por estar mais ligado as pautas factuais, ele tem em média duas horas para deixar a reportagem pronta. O tempo de deslocamento é um fator que pode deixar essa margem de tempo maior ou menor. Quanto mais longe for a notícia, maior o deslocamento e menor o tempo disponível para fazer o texto e editar a reportagem.

Para repórteres que não estão diretamente ligados as notícias factuais o tempo para a produção de reportagens varia bastante. Os repórteres entrevistados Greici Mattos, Fábio Lehmen e Cintia Furlani, concordaram que o tempo para a produção de notícias não factuais pode mudar muito dependendo da situação.

Um fator determinante é o formato que o repórter vai gravar. De acordo com a repórter Greici Mattos “se for *Stand up* o tempo para produção é menor”. O tempo determina se o repórter vai produzir uma ou mais pautas por dia. As pautas factuais não dão margem de escolha, já que elas acontecem aleatoriamente e podem obrigar uma equipe a cobrir vários fatos durante seu regime de trabalho.

A repórter Cintia Furlani é a que mais faz reportagens produzidas: “gosto de fazer matérias mais produzidas, prefiro fazer com mais calma”. Geralmente ela leva uma tarde e meia para finalizar as gravações em externas, transcrever as sonoras e fazer o texto. A repórter também edita suas reportagens quando é necessário.

Os repórteres também concordaram que depois das mudanças ocorridas na grade de programação da emissora, onde o telejornal *RBS Notícias* foi suprimido da

programação, a equipe tem mais tempo para fechar uma reportagem com todas as informações necessárias.

A repórter editora e apresentadora do Jornal do Almoço, Francieli Alonso demora em média quatro horas e meia para redigir e organizar o script do telejornal. Além disso, ela também ajuda a checar informações, mantém o espelho sempre atualizado, fica atenta ao tempo de produção das reportagens e auxilia o coordenador de jornalismo Mateus Rodighero a gerenciar o trabalho dos repórteres, editores, repórteres cinematográficos e da estagiária, posição na qual se encontra esta pesquisadora.

Os editores responderam que o tempo para finalizar a edição de uma reportagem varia muito. O fator preponderante neste caso é o horário e a quantidade de material que chega da rua. Quando a pauta é factual um VT¹⁶ pode ter que ser editado em menos de 30 minutos. Segundo o editor e diretor de imagem Jucimar Peccin, “o tempo varia bastante, quando ocorrem dias mais tranquilos é porque boa parte do trabalho já foi feita antes”.

Para os repórteres cinematográficos o tempo também é relativo. Eles já conhecem a rotina da emissora e por isso já pensam antes em alternativas que possam dar mais agilidade ao trabalho que precisa ser feito. Para o repórter cinematográfico Leandro Panke, 30 minutos é o tempo suficiente para gravar imagens para uma nota coberta, sem incluir o tempo de deslocamento. Jeferson Barbosa que também é repórter cinematográfico na emissora compara esse tempo com o de uma reportagem produzida que “quando não é factual pode levar entre cinco e seis horas de produção”.

Para uma pauta ser produzida com mais agilidade, o repórter cinematográfico Jorge Martins, diz que é importante conversar com o repórter já no deslocamento “para não perder tempo eu converso com o repórter antes de ir para a rua. Procuro conhecer o assunto da reportagem, isso facilita na hora de fazer as imagens e ajuda na edição”.

O trabalho da produção na redação foi destacado na fala do repórter cinematográfico João Maurício Malheiros. Para ele as pautas produzidas antes da equipe sair da emissora se tornam mais simples de serem realizadas “a produção antes de sair a campo é fundamental para que a reportagem ocorra de forma mais rápida e eficiente”. O profissional também destacou que o tempo disponível atualmente para a produção das reportagens do Jornal do Almoço é maior devido a mudança na grade de programação da emissora.

¹⁶ VT é o termo usado para se referir à matéria editada. Bistane; Bacellar (2008).

4.4.2 Pressão no fechamento do Jornal do Almoço

A apresentadora, repórter e editora do telejornal, Francieli Alonso e os repórteres Eder Calegari e Greici Mattos afirmaram que gostam de trabalhar com a pressão do telejornal. Para os profissionais, a pressão os deixa mais criativos e ágeis. Francieli Alonso destaca que na pressão do telejornal ela “acha soluções mais rapidamente” para os eventuais problemas que ocorrem. Eles também concordam que o jornalismo de TV expõe muito mais o jornalista a pressão do *dead line*¹⁷. Para a jornalista Greici Mattos “é na hora da pressão que você tem a convicção se nasceu para ser jornalista ou não”.

O repórter Fábio Lehmen reconhece que o jornalismo de TV tem a pressão como forte característica. Segundo ele, durante a vida profissional o jornalista vai se deparar inúmeras vezes com momentos tensos, mas “faz parte da profissão, existem situações em que temos que saber trabalhar diante disso”.

A repórter Cintia Furlani tem preferência por matérias mais produzidas. Para ela “é mais difícil” trabalhar sob pressão. Mas a repórter enfatiza que também faz matérias com um *dead line* curto e que desempenha suas atividades normalmente. Sempre que possível Cintia se dedica com reportagens mais elaboradas “gosto de matérias mais produzidas, prefiro fazer com mais calma”.

Para os editores das reportagens trabalhar na pressão do *dead line* não é um ponto positivo. A pressa é o principal dificuldade para os profissionais ligados a essa área na RBS TV Passo Fundo. De acordo com os profissionais a edição de reportagens mais elaboradas pode ser prejudicada. Em entrevista o editor Jucimar disse que “a margem de erro nestes casos é maior” e a qualidade do trabalho pode ser inferior. Para Milena Lopes que também trabalha como editora da emissora o *dead line* não altera muito o ritmo de trabalho quando as reportagens são factuais, mas “se o VT precisa ser super elaborado” a pressão só prejudica. Ambos concordam que a rotina jornalística é assim que é preciso se adaptar.

A equipe de repórteres cinematográficos da emissora diz que o fator pressão é indiferente, mas sempre que possível gostam de trabalhar com mais tempo. Para o repórter cinematográfico Leandro Panke “sem pressão é possível trabalhar melhor as imagens”. Para Jorge Martins a agilidade é fundamental na profissão para que a notícia chegue até o telespectador “em pouco espaço de tempo”.

¹⁷ Prazo para o repórter mandar para a redação o material gravado na rua. O editor também tem tempo limitado para finalizar o trabalho. Para que o editor-chefe possa assistir ao VT e fechar o jornal com segurança, o ideal é que a matéria esteja pronta. Bistane; Bacellar (2008).

4.4.3 Diferença na qualidade das reportagens

Todos os profissionais ligados a produção do Jornal do Almoço concordam perceber diferença das reportagens produzidas para as factuais e que o tempo é decisivo para a qualidade do material. Foram citados como elementos presentes em reportagens produzidas aspectos como: passagens, entrevistados, detalhes, cases, texto, aprofundamento, imagens, edição, utilização de trilhas, microfone de lapela, pontos de luz, foco, iluminação e adaptação de ambientes.

Os jornalistas, editores e repórteres cinematográficos também ressaltam que independentemente do tempo disponível para produção, a informação deve ser sempre correta. Eder Calegari que atua como repórter diz que “mesmo na pauta factual o jornalista não deve ficar devendo em nada. Em termos de informação deve responder ao lead básico e ainda assim ser atraente para o telespectador”.

Para a repórter Cintia Furlani, na pauta produzida “se ganha muito mais. A qualidade no ar é muito diferente, mas deve sempre haver um equilíbrio com pautas factuais e produzidas no telejornal”. Greici Mattos fez questão de destacar o tempo disponível para gravação ao comparar pautas factuais e produzidas, para ela “o tempo é decisivo na qualidade”.

Todos os profissionais concordam que a pressa presente nas pautas factuais do dia a dia não deixa o repórter tirar a melhor fala dos entrevistados, mostrar detalhes, e por isso se detém ao lead. As reportagens são quase como um serviço, sem aprofundamento. O repórter cinematográfico Jeferson Barbosa chega a dizer que na cobertura de acontecimentos factuais a equipe “corre contra o relógio. Só registra e põe no ar”.

4.4.4 Pressão no fechamento do JA

A maioria dos profissionais que trabalha na produção do JA de Passo Fundo já vivenciou outras realidades dentro do jornalismo televisivo. Isso faz com que os jornalistas, editores e repórteres cinematográficos tenham uma visão ampla e experiente do funcionamento do telejornal.

A falta de rotina é uma marca registrada do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo. De acordo com a jornalista Francieli Alonso isso “nem sempre é fácil e nos dias

em que o relógio parece estar contra tem que manter a calma”. Para ela, quando o profissional toma as decisões certas o andamento do trabalho na produção é mais fácil.

Os repórteres garantem que a rotina do telejornal é saudável e que todos já sabem como trabalhar para que o Jornal do Almoço tenha condições de ser exibido diariamente. O repórter Eder Calegari diz que já sai do local da gravação “sabendo do *dead line*, e que pensa antes no que vai selecionar das entrevistas”. Geralmente ele faz as reportagens com o repórter cinematográfico Jorge Martins, que também encontra alternativas para driblar o *dead line*. Para Jorge, que diz gostar de trabalhar com rapidez e agilidade “o principal é não perder tempo no deslocamento. Prefiro sair mais cedo e voltar antes para a TV”.

Para os editores uma forma de trabalhar com a pressão do fechamento do JA é adiantar o máximo de trabalho possível. Milena tenta arrumar o estúdio, conferir pilhas e microfones “antes da equipe que está na rua chegar”. Para Jucimar que é editor e diretor de imagem “a prioridade é a edição das reportagens quando antes adiantar isso, melhor”.

4.4.5 Telejornalismo Regional

Como a emissora cobre os fatos que acontecem em Passo Fundo e em outros 83 municípios, o Jornal do Almoço se torna um ícone no jornalismo regional para a região Norte do Rio Grande do Sul. Com mais de 900 mil telespectadores, os jornalistas, editores e repórteres cinematográficos da emissora concordam que encontram no JA uma oportunidade de repercutir o trabalho de forma ampla. Como a região de abrangência é grande sempre existem pautas sobre assuntos diversificados, fator apontado pelos profissionais como determinante, pois facilita o fechamento do telejornal de 15 minutos todos os dias.

A principal dificuldade relatada pela equipe é a de não conseguir estar no fato imediatamente. O tempo de deslocamento é o principal empecilho citado, já que muitas cidades ficam distantes de Passo Fundo e dessa forma comprometem o imediatismo do telejornal que é apresentado ao vivo.

Para Greici Mattos o fato de a RBS TV Passo Fundo ter a possibilidade de dar cobertura aos acontecimentos de outros 84 municípios “facilita porque consegue privilegiar de maneira mais ampla o telespectador, existem mais elementos para diversificar o telejornal. Por outro lado, muitas vezes a equipe não consegue estar no

fato que é ideal no telejornalismo”. A jornalista editora e apresentadora do JA, Francieli Alonso concorda com a repórter Greici e ainda complementa “se o JA fosse abastecido só com notícias de Passo Fundo seria muito mais difícil fechar o telejornal de 15 minutos”.

Outra observação feita pelos profissionais é que o Jornal do Almoço poderia noticiar com mais frequência fatos que acontecem em cidades da região. Segundo os profissionais o telejornal dá pouca ênfase a municípios da região principalmente quando a pauta é positiva. Milena Lopes reforça esse apontamento da equipe quando fala que “as cidades geralmente se assistem quando coisas ruins acontecem no município”.

Para o jornalista Fábio Lehmen a emissora tem um desafio que é “criar um formato que consiga agradar a todos com pautas relevantes para Passo Fundo e outros 84 municípios”. Para o editor Jucimar Peccin quando um fato ocorre em municípios da região a equipe é oprimida pela distância “dependendo da cidade em que o fato acontece não dá tempo ou a equipe se obriga a fazer tudo com pressa, fator que interfere no produto final”.

O repórter Eder Calegari observa que a região Norte do estado é bem delimitada e berço de diversas oportunidades. Para ele a equipe que trabalha na emissora conhece bem a região por isso o tempo de deslocamento não se torna um problema tão amplo. Para o jornalista neste caso os aspectos positivos cobrem os negativos “não vejo a limitação do tempo como problema. A região proporciona muitas pautas, aqui temos coisas que outros municípios não têm”.

Quem também avalia a região de forma positiva é a repórter Cintia Furlani. Para ela “tem municípios ao redor que podem ter histórias maravilhosas”. A repórter que é mais ligada a reportagens produzidas diz que busca sempre por iniciativas que podem ser realizadas em outros municípios. No caso das matérias produzidas o tempo de deslocamento não é destacado como problema.

Conforme os profissionais quando a notícia é relevante a missão da RBS Passo Fundo é cumprida ao tratar do fato independente da distância ou do tempo de deslocamento. Jeferson Barbosa, repórter cinematográfico da emissora diz que “se for relevante tem que estar no local seja onde for”.

Os profissionais evidenciaram que caso não dê tempo da notícia ser veiculada no JA de Passo Fundo, independente do formato, a relevância do fato vai garantir sua entrada em outros telejornais da RBS TV em âmbito estadual como o *Bom Dia Rio Grande* e o *RBS Notícias* ambos apresentados ao vivo de Porto Alegre.

4.4.5 Tecnologia aliada ao telejornalismo

Todos os profissionais concordam que a evolução da tecnologia agiliza na produção do telejornal. Alguns pontos positivos foram destacados pela equipe como, por exemplo, a utilização de fotos, vídeos, informações e a rapidez nos processos de envio e recebimento de material. Para eles isso garante uma oportunidade de adiantar assuntos no telejornal e também cria um elo com o telespectador que se sente participativo no processo de produção do Jornal do Almoço.

Para o repórter Eder Calegari a tecnologia é fundamental. Ele trabalhou por três anos com um KIT da emissora composto por uma câmera, um tripé, um microfone e um notebook habilitado com programa de edição. Com este KIT o repórter mesmo gravava a reportagem e ainda “editava e enviava de qualquer local para Passo Fundo faltando somente colocar o nome os entrevistados”. Tudo era realizado via internet. Os créditos eram colocados após o recebimento na emissora em Passo Fundo. Ainda de acordo com o repórter “a chegada do HD limitou o uso do KIT” uma plataforma que proporcionava mais imediatismo ao telejornalismo local e agilidade a notícia.

Para os editores de imagem o avanço da tecnologia ajudou muito. Jucimar diz que antes além de tudo ser mais demorado o editor “não podia excluir um material, derrubar e inverter blocos do telejornal”.

Pontos negativos também foram levantados pela equipe. Para Francieli Alonso, o jornalista sempre deve ficar em alerta com a falta de credibilidade de algumas informações que estão na rede e “não pode acreditar em tudo”.

Os profissionais citaram a utilização de fotos e vídeos no JA. Para a repórter Cintia Furlani “foto não deveria existir em telejornal. TV é imagem, se não tem consequentemente não se tem a notícia também”. A repórter enfatiza que “fotos as pessoas já viram na internet”. Ela entende que alguns fatos ocorrem em cidades mais distantes, mas ainda assim acha que fotos deveriam ser evitadas. Para os repórteres Fábio Lehmen e Greici Mattos, as fotos e os vídeos contribuem de forma positiva com o telejornal.

A tecnologia também é forte aliada ao trabalho dos repórteres cinematográficos. Para João Maurício “os equipamentos da emissora ainda não estão funcionando como deveriam”. De acordo com o profissional quando a equipe sai da base existe uma “dificuldade para gerar conteúdo”. Para Leandro Panke e Jorge Martins, a tecnologia ajuda muito. Jorge Martins destaca que ela “faz o trabalho acontecer. Agiliza o processo

para que mesmo com atrasos no trânsito a equipe consiga produzir uma notícia com qualidade que chame a atenção do telespectador”.

4.4.6 A etapa mais demorada da produção

Greici Mattos, Eder Calegari, Fábio Lehmen, Francieli Alonso, Jucimar Peccin, e João Maurício elegeram a produção realizada na redação a etapa mais demorada para a elaboração de uma reportagem. Para eles a checagem de informações, o agendamento de entrevistas e a procura por personagens para exemplificar a reportagem é um processo que além de fundamental é mais difícil e demorado.

A editora Milena Lopes acredita que a gravação das externas é o processo mais demorado. Para a repórter Cinta Furlani, a etapa mais lenta é transcrever as sonoras e fazer o texto “às vezes levo até uma hora e meia pra fazer isso, pra mim é uma etapa crucial”. Para os três repórteres cinematográficos o trânsito, a espera pelos entrevistados, a falta de foco da reportagem, a falta de planejamento e até mesmo o clima atrapalham na agilidade da produção.

Segundo os profissionais uma solução para que estes problemas sejam minimizados seria a contratação de mais profissionais para a equipe além do respeito ao planejamento e o cumprimento de horários pré-estabelecidos. Para a repórter Greici Mattos a “mão-de-obra é a única coisa que pode agilizar o trabalho”.

Os profissionais não citaram procedimentos específicos utilizados pela RBS TV para que a demora na produção seja minimizada. Mas de acordo com o repórter Eder Calegari independente da etapa mais demorada, “a TV proporciona o bem estar dos profissionais”.

4.4.7 Tempo suficiente para o JA

Como a equipe não precisa mais se dedicar na produção do *RBS Notícias*, já que o telejornal não é mais apresentado localmente, todos concordam que o tempo disponível atualmente para a produção do Jornal do Almoço é suficiente. O planejamento é considerado pela equipe na rotina da redação.

Conforme o apontamento de todos os profissionais com planejamento, mais tempo disponível e com toda a equipe organizada para um produto só, as reportagens são feitas com mais qualidade e dedicação. Cada repórter pode produzir até duas reportagens por dia.

Mesmo dessa forma, agora com mais tempo para produção, a repórter Greici Mattos disse que já presenciou “algumas vezes em que o telejornal estava com tempo em aberto no meio da manhã”. Para a apresentadora e editora Francieli Alonso, esse tempo mais amplo para a produção “é uma forma de qualificar as matérias” pensando mais em “como abordar assuntos e deixar mais atrativos”.

A editora Milena Lopes disse que “agora sem o telejornal *News* vai ter um tempo satisfatório” para a produção do JA. Para ela “o jornal é fechado quase sempre de manhã” e é preciso haver um equilíbrio entre matérias factuais e de gaveta. Isso porque “fazer muita coisa de manhã não é bom, mas também fechar um jornal sempre antes é pior porque parece um jornal gravado”. O repórter Fábio Lehmen encontrou nas mudanças uma oportunidade: “A região vai ver um produto melhor que antes era feito de forma mais corrida”.

Eder Calegari diz que o tempo para produção do telejornal é razoável ao se comparar o número de profissionais trabalhando com o número de cidades que merecem cobertura. Para ele “é um tempo corrido, rápido, mas com a estrutura de equipe que temos proporciona que cada um faça uma etapa do trabalho e que tudo esteja pronto no final”. Os profissionais Cintia Furlani, Jeferson Barbosa e João Maurício consideram o tempo atual bom, se for bem planejado.

4.4.8 Interferência do tempo nas escolhas

Para Fábio Lehmen, Eder Calegari, Cintia Furlani, Leandro Panke, Milena Lopes e Jucimar Peccin o fator tempo interfere na escolha do que será noticiado ou não. A cidade de Iraí foi citada pelos profissionais como exemplo pela impossibilidade de ida e volta para a emissora durante a manhã antes do Jornal do Almoço ser exibido. O município está dentro da região de cobertura da RBS TV Passo Fundo e está localizado há cerca 228 quilômetros de distância da emissora. Neste caso a tecnologia foi citada como uma possível saída. Fotos, vídeos enviados do local ou ainda informações passadas por telefone podem garantir a entrada do fato no telejornal. Para o jornalista Eder Calegari “o tempo de produção pode mudar o rumo” da equipe.

Na opinião de Greici Mattos, Francieli Alonso, Jorge Martins, Jeferson Barbosa e João Maurício o fator tempo não interfere na escolha a ponto do acontecimento ser suprimido do telejornal. Para estes profissionais o que pode mudar é o formato, ou seja,

ao invés de ser uma reportagem o fato poderá ser noticiado em formato de nota pelada, por exemplo. Conforme Greici Mattos “se noticia, talvez não da forma mais adequada”.

De acordo com estes cinco profissionais, a relevância é que está acima de tudo e segundo Francieli Alonso “a correria não pode ser justificativa” para que assuntos caiam do telejornal. Se a notícia é importante e vale para o público ela estará inserida no telejornal.

4.4.9 Tempo x Informação

Nenhum dos profissionais entrevistados opta por dar uma informação sem checar. Caso não dê tempo de checar tudo o que for possível antes do telejornal o fato não é noticiado. A credibilidade é essencial neste caso, tanto da empresa como da carreira profissional de quem atua como jornalista na RBS TV. Para os profissionais o critério que deve ser respeitado é o da apuração. A falta de tempo não pode ser um motivo para que informações primárias sejam disseminadas. Em situações que a equipe não consegue contato com uma fonte, isso deve ser dito de forma clara e objetiva na reportagem.

4.4.10 Ausência de grandes reportagens

O Jornal do Almoço não é um telejornal marcado por grandes reportagens. Para o repórter Fábio isso acontece porque “o JA não tem perfil de grandes reportagens. O jornal é feito tradicionalmente com as notícias do dia a dia”. Cintia Furlani discorda do colega. Para ela ao exibir uma série a TV “instiga as pessoas a assistir e traz um diferencial ao telejornal”. A repórter diz que “falta planejamento e organização” na equipe para o JA tenha mais a presença desse tipo de material jornalístico. Os outros profissionais concordam que o telejornal exibe poucas séries e grandes reportagens, mas consideram um formato importante para a comunidade local e regional.

Conforme os profissionais isso acontece por falta de tempo para produção, planejamento, organização e criatividade. A jornalista Greici Mattos chega a dizer que o telejornal tem espaço para isso, mas “falta tempo para produção”. Além disso, ela ainda complementa falando sobre o novo momento que a RBS vive após as mudanças “agora pode mudar, mas ainda assim é complicado porque tem apenas quatro cinegrafistas, falta mão de obra”. No geral os profissionais concordam que com todas as equipes

voltadas somente para a produção do Jornal do Almoço devem aumentar as chances desse tipo de produção ser exibida no JA.

4.4.11 Trabalho em equipe

Todos os profissionais concordam que o trabalho em equipe é fundamental para quem trabalha em televisão. Os profissionais entrevistados destacaram que todo o processo fica mais rápido quando o trabalho em equipe funciona principalmente com a distribuição de tarefas que é vista como um ponto positivo.

Cinta Furlani classifica como bom o trabalho em equipe, ele “deve estar funcionando junto, pois tudo depende de muitas pessoas. Todos devem estar comprometidos e cientes do seu papel da emissora, até porque é humanamente impossível fazer tudo sozinha”.

4.4.12 Observações do coordenador de Jornalismo

Para o coordenador de telejornalismo da RBS TV Passo Fundo, Mateus Rodighero, o tempo para a produção é um dos elementos fundamentais para a produção de uma boa reportagem. De acordo com o coordenador muitas vezes ele precisa optar por veicular uma reportagem menos completa do que gostaria em função do *dead line* apertado. Porém, isso não é uma regra e “quando pode esperar e produzir melhor para outro dia, opta-se por isso”.

Mateus entende que quando o assunto é factual e o tempo para produção é escasso, “a regra é produzir o máximo sem perder o principal”. O coordenador ainda diz que “matéria boa é matéria que vai ao ar”, se tiver mais tempo melhor, caso contrário o importante é a veracidade das informações apuradas.

“Isso é o básico no jornalismo”, diz ele. Reforça que não se sente frustrado quando não há tempo suficiente para produzir uma reportagem mais completa. Reconhece que existe uma limitação de tempo, delimitada pelo *dead line* do telejornal, mas para Mateus, “isso já é um processo absorvido pela equipe”.

O fator tempo é importante, mas não é o principal. A relevância da notícia é a característica mais importante na opinião do coordenador “opto muitas vezes por assuntos que vão ir pro ar em pouco tempo pela relevância jornalística editorial que a notícia tem”.

Ele não deixa de noticiar “se tiver relevância e tiver pouco tempo vai fazer o possível para colocar no mínimo uma nota”. Se o fato é relevante muda-se o formato em função do tempo. O coordenador não concorda em definir pautas a partir do tempo que se tem para produção “relevância é o que mais preocupa e faz colocar no ar”.

O Jornal do Almoço é um telejornal factual e tem cerca de um dia para ser produzido. Segundo Rodighero, esse tempo pode ser considerado suficiente pois a equipe é formada por profissionais experientes “que já assimilaram o processo então sabem que esse é o tempo para produzir e que a gente vai conseguir o máximo até a hora do jornal ir ao ar”.

“Se precisar” o coordenador diz que opta por usar fotos e os vídeos amadores no telejornal. Quando se trata de informações sem tempo para serem apuradas Mateus opta por retirá-las imediatamente do espelho ou até mesmo derruba a notícia com o telejornal no ar “assuntos são eliminados por falta de tempo quando a equipe não consegue checar o mínimo de informações”.

Ele destaca que antes da mudança na grade de programação da emissora, as notícias que não tinham aprofundamento no Jornal do Almoço eram amplamente apuradas e exibidas no *RBS Notícias* local. Após a mudança o aprofundamento da reportagem pode ter seguimento em outros telejornais em âmbito estadual da RBS TV.

Sobre problemas ocorridos por falta de tempo o coordenador diz que “situações pontuais já ocorreram, mas como a equipe é formada por profissionais experientes isso raramente acontece”. Para o coordenador muitas limitações estão fora do alcance dos problemas estruturais como mão de obra, “encontrar fontes, checar informações dentro de um tempo hábil muitas vezes não depende apenas da estrutura da emissora”.

Para Mateus, a pressa pode impactar de forma negativa, “mas isso não é regra”. A equipe de profissionais já assimilou o processo de produção e consegue finalizar as reportagens em um curto espaço de tempo na maioria das vezes.

Essa limitação de tempo e equipe já fez com que o coordenador optasse por pautas em Passo Fundo ao invés de assuntos da região. Geralmente quando organiza e faz o planejamento das equipes, o coordenador já sabe que não pode comprometer o jornal e por isso tem que escolher os destinos. Se não for possível ter acesso ao local de alguns fatos pode optar por fotos ou vídeos “às vezes acontece, tem que optar por fazer algo em Passo Fundo porque tem uma limitação de tempo e equipe”.

Mesmo com uma equipe experiente o coordenador sente sinais de estresse nos profissionais “a hora do *dead line* sempre é tensa”. Para ele a tensão existe em todos os

envolvidos mas é um processo assimilado e normalmente bem administrado. O ideal seria mais pessoas trabalhando na redação, cada uma com uma função. Mesmo diante de algumas dificuldades a equipe consegue encontrar alternativas dentro desse cenário.

4.5 Análise do Corpus da Pesquisa

Após ter conhecimento das considerações obtidas com as entrevistas e também dos apontamentos da observação participante desta pesquisadora, propõem-se agora um diálogo entre tais constatações e as teorias do jornalismo, *Newsmaking* e Organizacional que também são parte do corpo teórico desta pesquisa.

A primeira observação diz respeito a relação de proximidade que a RBS TV Passo Fundo tem com seus cerca de 900 mil telespectadores. A emissora criou uma identidade junto a sociedade local e regional. Essa identidade é para Mata (2013, p. 80), “um vínculo de pertencimento”. O público que assiste a RBS Passo Fundo é muito atento, crítico e participativo. De acordo com a observação realizada por esta pesquisadora, pode-se afirmar que quando uma reportagem chama a atenção por algum motivo, quando os apresentadores pedem sugestões de pauta no quadro *JA nos Bairros*, ou ainda quando alguma informação é divulgada de forma incorreta os telespectadores ligam imediatamente para a redação.

Diante disso, esta pesquisadora pode perceber que o público exigente acompanha a cobertura que a emissora faz dos principais acontecimentos da região. Pode-se dizer que de acordo com Hinerasky (2003, p. 183) a RBS TV Passo Fundo se tornou “um espaço importante de identificação para a população”.

A exigência do público da emissora tem reflexos no trabalho dos profissionais. Através da observação participante, pude perceber que quando um fato importante acontece e a equipe não está presente, a comunidade cobra da emissora. Os telespectadores ligam para a redação pedindo a presença da equipe do telejornalismo. Para Soares e Oliveira (2007) o público pauta discussões. Mas conforme afirma Piccinin (2005, p. 129) na televisão “a rotina diária de produção e exibição está submetida a uma série de limitações e operações” que muitas vezes não possibilitam a cobertura de alguns fatos.

Tais situações ocorrem com maior frequência quando a pauta é longe de Passo Fundo em municípios da região. Para Squirra (1995, p. 49) “a notícia é o que está acontecendo agora, o que acontece em um tempo presente imediato”, mas o

coordenador de telejornalismo precisa obedecer a uma série de padrões para conseguir dar conta da cobertura de uma série de fatos. Podem ser citados como limitações e operações a escala de trabalho, as horas extras realizadas pelos profissionais, a quantidade de mão-de-obra disponível, a quantidade de equipamentos, entre outros.

Vale destacar aqui que a emissora busca incessantemente contemplar os principais fatos de Passo Fundo e região. O coordenador de jornalismo da equipe, Mateus Rodighero disse em sua entrevista que quando não há tempo para que seja feita uma matéria mais produzida “subterfúgios podem ser utilizados como alternativa em casos específicos”.

A alternativa é a utilização de fotos ou vídeos de telespectadores. Porém, segundo a repórter Cintia, “foto não deveria existir em telejornal”. Ela reforça que “TV é imagem e se não tem, consequentemente não tem notícia também”. Diz também que “fotos o telespectador já viu na internet”. Desta forma, a repórter propõe um diálogo com Mórán (1986) citado por Rezende (2000, p. 73) onde ele diz que é com a imagem que “a TV ganha um altíssimo grau de veracidade, de poder referencial”.

No entanto, limitações de tempo, equipe e estrutura fazem com que o coordenador opte por fotos ou vídeos produzidos por telespectadores. O coordenador destaca na entrevista que tem a alternativa “de um subterfúgio como fotos e vídeos amadores ou talvez a matéria não entre no dia. Às vezes acontece de ter que optar por fazer algo em Passo Fundo porque tem uma limitação de tempo e equipe”.

Outra observação pertinente é relacionada com o fechamento do Jornal do Almoço. Segundo Machado (2001, p. 110) um telejornal “ainda que utilize material pré-gravado ou de arquivo, em geral é ‘fechado’ poucos minutos antes de entrar no ar”. Esta pesquisadora pode perceber que isso acontece diariamente na redação da RBS TV de Passo Fundo. Mesmo com as reportagens editadas e grande parte do trabalho pronto, sempre pode surgir um fato novo para alterar o telejornal. Isso gera uma pressão criada pelo *dead line* considerado pelo repórter Eder Calegari “saudável porque já conhece a rotina” do jornalismo.

A rotina que é considerada “saudável” para o jornalista é tratada na teoria Organizacional. Conforme Piccinin (2005, p. 129) isso é uma relação estabelecida com “a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e os processos produtivos na formatação do telejornal”. Em outras palavras, é como se o jornalista se conformasse com a linha editorial do veículo para o qual trabalha, e isso de certa forma acaba por ultrapassar sua ideologia pessoal. Assim, o repórter acha natural conviver

com a correria diária do jornalismo de TV. Wolf (1987), estudioso da teoria do *Newsmaking* entende esse processo quando fala que entre o profissional e a empresa existem relações que misturam as características do veículo de comunicação com a bagagem cultural do jornalista.

Também faz parte desta observação, a fala do coordenador de jornalismo, Mateus Rodighero quando diz que “as pessoas que trabalham na equipe já assimilaram o processo” e que por isso “sabem que esse é o tempo para produzir”. A linha editorial ultrapassa a ideologia pessoal quando o coordenador destaca que “esse é o tempo para produzir e a gente vai conseguir o máximo até a hora do jornal ir ao ar”.

A observação participante desta pesquisadora constatou que a equipe é experiente e que por isso encontra com mais facilidade solução para eventuais problemas que possam ocorrer no fechamento da edição diária do JA.

Outra observação pertinente neste corpus é o critério “relevância da notícia” que ganhou destaque entre a equipe de jornalistas da RBS TV Passo Fundo. Nas entrevistas realizadas, grande parte dos profissionais garante que se a notícia for relevante a missão da RBS TV é estar no fato. “Se for relevante tem que dar de qualquer jeito”, essas são as palavras usadas pelo repórter cinematográfico Jeferson Barbosa. O profissional qualifica nesta fala o conceito de Curado (2002, p. 16) que diz “notícia é a informação que tem relevância para o público”.

A partir da pesquisa observacional esta pesquisadora constatou que quando a notícia tem relevância o tempo se transforma em um detalhe. O critério relevância se opõe a premissa do tempo. E quem gerencia estas situações é o coordenador de jornalismo, que conforme Piccinin (2005, p. 129) faz “uma análise mais ampla do processo de seleção e tratamento da informação”. Também chamado por Wolf (1987) de *gatekeeper*, ele é um “selecionador que bloqueia ou não as notícias”.

Com o acúmulo de funções o coordenador Mateus Rodighero coordena o fluxo de informações e trabalha com os limites da organização do trabalho na redação. A teoria do *Newsmaking* trata desse acúmulo. Wolf (1987, p. 215) chega a dizer que “para os jornalistas a eficiência existe para permitir o rendimento de três recursos que são escassos: o pessoal, o formato e o tempo de produção”.

Tais aspectos levantados pela teoria do *Newsmaking* são evidenciados nas falas dos profissionais e na observação participantes desta pesquisadora. Os profissionais indicaram como solução a contratação de mais profissionais, justamente porque para

eles falta “pessoal”. Destaco aqui a fala da repórter Greici Mattos: “mão-de-obra é a única coisa que pode agilizar o trabalho”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os apontamentos destacados acima, podemos concluir que o tempo para a produção do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo não é algo mensurável ou até mesmo concreto. Essa constatação foi obtida através da observação participante desta pesquisadora, do aprendizado adquirido na redação da emissora e também mediante as respostas dos profissionais adquiridas na entrevista. Tal constatação diz respeito a hipótese inicial desta pesquisa que considerava uma possível falta de tempo para a produção das notícias.

A equipe experiente de jornalistas, repórteres cinematográficos e editores da RBS TV Passo Fundo convivem com a percepção de que o tempo é um elemento fundamental para a produção de notícias seja ele limitado ou não. Essa percepção da equipe mostra que todos os profissionais envolvidos na produção do Jornal do Almoço sabem que muitas vezes precisarão trabalhar com um tempo limitado para que o JA seja exibido aos seus mais de 900 mil telespectadores, com as principais notícias de Passo Fundo e outros 84 municípios do Norte do Rio Grande do Sul. Essa constatação mostra que eles estão adaptados com a política organizacional da RBS TV.

É importante ressaltar que durante a realização desta pesquisa, mudanças ocorreram na programação da emissora que deixou de produzir e exibir localmente o RBS Notícias, um telejornal que abastecia a região dos últimos acontecimentos diariamente às 19h15. Diante dessa mudança a equipe de profissionais ainda se adequa a um novo perfil do Jornal do Almoço que renovou neste segundo semestre sua logomarca passando também a ter dois apresentadores em Passo Fundo, além é claro de seguir com o desafio diário de informar para transformar.

O presente trabalho não tem como objetivo afirmar teorias ou até mesmo impor impressões definitivas sobre o trabalho realizado na RBS TV de Passo Fundo. As opiniões apresentadas nesta pesquisa não se intitulam como as melhores observações acima de outros materiais ou teorias acadêmicas já produzidas sobre a emissora.

A partir das respostas das entrevistas realizadas com os profissionais que trabalham na RBS TV Passo Fundo, aliada a observação participante realizada por esta pesquisadora juntamente com o suporte da pesquisa teórica, foi possível ter amplo conhecimento sobre o processo de produção das notícias para o Jornal do Almoço.

Foi através deste estudo que esta pesquisadora pode entender os processos produtivos do telejornal. Esses processos foram observados na rotina estabelecida pela

equipe de jornalismo da RBS TV Passo Fundo. As reuniões de pauta, a ronda realizada diariamente, as teleconferências com as outras emissoras da RBS TV no estado, e a constante avaliação da relevância dos fatos são critérios já fixados na rotina que ajudam no processo de fechamento diário do Jornal do Almoço.

Conforme a observação participante desta pesquisadora constatou-se como possibilidade de resultado desta pesquisa, que o tempo não interfere na qualidade das notícias do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo. O tempo só muda o formato das notícias, sem interferir na sua qualidade. A prioridade é a relevância do assunto, critério que garante a qualidade das notícias apresentadas no JA. Ainda foi possível perceber que quando não há tempo para checar uma informação ela não é veiculada no telejornal. Tais resultados reforçam o compromisso e os desafios diários que o jornalismo de TV propõe aos profissionais.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual Prático*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BISTANE, Luciana.; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ, Fábio S. *A Cultura da Mídia no Rio Grande do Sul: O caso MST e o Jornal do Almoço*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cruz-fabio-cultura-da-midia.pdf>

Acessado em 5/agosto/2015

CURADO, Olga. *A notícia na tv: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo, Alegro, 2002.

FERREIRA, Fábio Gonçalves: *Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte - Portal Intercom 2012*. Disponível em:

[:http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114](http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114)

Acessado em 6/agosto/2015

GOMES, Itania M.M. Telejornalismo de qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação*, São Paulo, p. 22, jun 2006.

HINERASKY, Daniela Aline. *O pampa virou cidade? Um estudo sobre a inserção regional na TV aberta gaúcha - Biblioteca Digital FGV 2003*. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2188/1327>

Acessado em 28/julho/2015

KLEIN, Otávio José. *A notícia em rede: Processos e práticas de produção da notícia em rede regional de televisão*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2013.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MATA, Jhonatan. *Um Telejornal pra Chamar de Seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local*. Florianópolis: Insular, 2013.

PICCININ, Fabiana. *Produção de notícias em dois mundos: O Newsmaking no Telejornalismo Português e Brasileiro* - Portal Revistas Eletrônicas PUC RS 2005.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/873>

Acessado em 10/setembro/2015.

REZENDE, Guilherme Jorge. *Gêneros jornalísticos na Televisão Brasileira* - Portal Intercom 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2902-1.pdf>

Acessado em: 25/maio/2015

REZENDE, Guilherme J. *Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SOARES, Hamistelie R; OLIVEIRA, Jocyelma S. *A construção da notícias em telejornais: valores atribuídos e newsmaking*. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0744-2.pdf>

Acessado e: 27/maio/2015

SOUZA, José C. A. de. *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

SQUIRRA, Sebastião C. de Moraes. *Aprender Telejornalismo: Produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RBS TV: *História da RBS TV*. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rs>

Acessado em: 5/agosto/2015.

VIZEU, Alfredo; MAZZAROLO, Jô. *Telejornalismo: Onde está o Lead?* - Revista Famecos 2008. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3051>

Acessado em 17/setembro/2015.

WOLF, Mauro. *Teorie dele Comunicazioni di Massa*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Organograma da redação da RBS TV Passo Fundo



APÊNDICE B – Entrevista na íntegra com os repórteres do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo.

Eder Calegari – Repórter / Editor

Regime de Trabalho: 8 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Entre uma hora e meia e duas horas para deixar tudo pronto.

- Trabalha melhor sob pressão?

Gosto mais. Gosto de ser prático. Se conseguir fechar a matéria no mesmo local é melhor.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim. Dá pra perceber mais trilhas, offs, a história fica maior quando se tem mais tempo, dá para trabalhar outros pontos de vista, trazer mais elementos para a matéria, mais rica em conteúdo. Mas mesmo na factual o jornalista não deve ficar devendo em nada em termos de informação. Deve responder o lead básico e ainda assim ser atraente para o telespectador. Não deve repetir palavras, tem que costurar o off com a entrevista, selecionar bem o entrevistado, pegar a sonora que realmente vale e não que vai dar mais tempo ao VT. Não se deve pensar que ao ter menos tempo você terá um material de menor qualidade. Mas com certeza quando se tem tempo para produção sai um material maior e de mais qualidade.

- Como trabalha com a pressão do fechamento do telejornal?

É saudável por que já conheço a rotina. Já saio sabendo do dead line e já penso antes no que selecionar das entrevistas.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

A região bem delimitada, a equipe conhece bem. Claro que tem a limitação do tempo, mas não vejo como problema e sim como uma oportunidade. Aqui tem muitas pautas, tem coisas que em outras regiões não tem.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Sim. Eu sou testemunha disso, pois usei um kit por três anos onde já deixava a matéria editada e enviava de qualquer local para Passo Fundo, só para colocar os créditos. Com a mudança para o HD esse processo ficou limitado porque o uso do kit só permite fazer matérias em SD. Além disso, a tecnologia também facilita o envio de vídeos e fotos do telespectador.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

A produção, o deslocamento, conseguir os cases, checar as informações e conseguir os dados. Acho que a etapa mais rápida é escrever o texto.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Sim, é um tempo razoável e necessário visto o número de profissionais que tem trabalhando e o número de cidades. Sempre tem matérias que são feitas antes. Acho que temos um tempo corrido, tem que ser rápido, mas a estrutura que se tem na redação de coordenador, apresentador, repórter e estagiarias proporciona que cada um faça uma etapa do trabalho e finalize tudo a tempo.

- Quais aspectos podem interferir e atrasar uma pauta?

Os limites geográficos e físicos. Principalmente o deslocamento, as estradas ruins, e possíveis coisas que podem acontecer como furar pneu.

- Que critérios a TV adota para que este problema seja minimizado?

Não tem critérios específicos, mas a TV proporciona o bem estar dos seus funcionários. E é da rotina do jornalismo essa correria.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Sim. O tempo de produção pode mudar o rumo da equipe. Com mais tempo se tem mais garantia de ter uma boa matéria.

- Quando não há mais tempo para a produção checar uma informação, você opta por noticiar o fato sem a informação?

No caso de reportagens acho que deve ser exibido igual, dizendo no pé da matéria que tentamos contato e que não conseguimos. Acho que a gente deve sempre chegar todos os posicionamentos, mas não deixar de dar por faltar algum. Isso já está assimilado pelas pessoas que pensam o jornal. Não devemos deixar de apurar e não deixar de dar também.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Acho que os repórteres se limitam aos problemas da cidade sem expandir com solução, pontos de vista e especialistas. Às vezes esquecemos de produzir algo maior pelo hábito de fazer, chegar, editar e por no ar. Isso é um desafio agora com o número de repórteres que temos e só um telejornal.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Facilita. Funciona bem em equipe. O que atrapalha às vezes é o tempo que alguns levam para fazer as tarefas.

Cintia Furlani – Repórter / Editora**Regime de Trabalho: 8 horas**- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Faço matérias mais produzidas por isso demoro mais. Geralmente uma tarde e meia para fazer tudo sem editar.

- Trabalha melhor sob pressão?

É mais difícil. Gosto mais de matérias produzidas. Prefiro fazer com mais calma. Mas se precisar fazer o factual eu também faço.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim, total diferença. A matéria produzida tem chance de ter mais qualidade. O factual se detém ao lead básico. Na produzida você pode explorar mais a sonora do case, falar com um especialista, costura o texto. Na produção você tem mais capacidade para criar. Se ganha muito mais em matérias produzidas e pensadas, a qualidade no ar é muito diferente. Acho que deve haver um equilíbrio entre matérias produzidas e factuais no telejornal.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Se der factual em cidades mais longe dificulta. O que deixa mais difícil é o tempo de deslocamento. O lado bom é que temos 84 municípios ao redor que podem ter histórias maravilhosas para matérias produzidas. Acho que o Jornal do Almoço é muito focado em Passo Fundo. Eu busco sempre histórias que podem ser realizadas em outros municípios.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Foto não deveria existir em telejornal. TV é imagem e se não tem consequentemente não tem a notícia. Deveríamos abolir essa prática. Telejornal não pode ser formado com fotos porque fotos o telespectador já viu na internet. Na TV ele quer o diferencial. Entendo que ajuda quando o fato é longe não dá tempo de ir e voltar mas deveria ser evitado.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

Decupar sonoras e fechar o texto. Pra fazer isso às vezes levo até uma hora e meia porque considero uma etapa crucial.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Sim, porque dá para produzir um VT de tarde e ainda tem a manhã do dia seguinte.

- Quais aspectos podem interferir e atrasar uma pauta?

O trânsito, o entrevistado, uma pauta sem foco ou quando não se pensou na pauta antes de sair da redação.

- Que critérios a TV adota para que este problema seja minimizado?

O *dead line* não deixa minimizar isso e dificulta um pouco. Por isso às vezes não dá pra fazer uma boa produção, tem que ir fazendo no deslocamento.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Sim. Se tiver uma pauta em Iraí, por exemplo, que é um município muito longe não dá tempo de ir e voltar, aí entra a tecnologia. Mas só se não tiver algo melhor para noticiar.

- Quando não há mais tempo para a produção checar uma informação, você opta por noticiar o fato sem a informação?

Derruba. Não pode correr o risco que emitir uma informação sem confirmar por uma fonte oficial. A notícia deve estar no mínimo apurada.

- A ausência de grandes reportagens no *Jornal do Almoço* seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Falta de planejamento e organização. A série instiga as pessoas a assistir e traz um diferencial no jornal. Não conseguimos fazer sempre porque uma equipe tem que sair do factual para fazer.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

É bom, mas a equipe deve estar funcionando junto. A gente depende de uma produção, edição, do cinegrafista, da apresentação e exibição. Dependemos de muitas pessoas.

Todos devem estar comprometidos e cientes do seu papel na emissora, porque se uma pessoa falhar o produto vai ao ar com problemas ou não vai ao ar. É humanamente impossível fazer tudo sozinha.

Fábio Lehmen – Réporter / Editor**Regime de Trabalho: 7 horas**

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Depois da mudança na programação temos mais tempo para fechar o material com todas as informações que precisa. Dá pra fechar o VT como espera e imagina. Antes era mais complicado com a responsabilidade de colocar no ar mais dois produtos.

- Trabalha melhor sob pressão?

Ninguém gosta, mas faz parte da profissão. Tem muito disso na TV e existem situações que temos que saber trabalhar diante disso.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim. Imagem é melhor e o repórter se dedica mais.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Tem que ser mais dosada a distribuição de notícias para a região. Criar um formato que consiga agradar a todos com pautas relevantes para Passo Fundo e para as outras cidades.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Sim, melhorou muito. Se a equipe não consegue chegar a tempo o telespectador manda vídeos. É uma oportunidade de adiantar o assunto.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Agora após as mudanças a região vai ver um melhoramento do produto que antes era feito de forma mais corrida. É uma oportunidade dos repórteres se dedicar mais.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

Apuração.

- Que critérios a TV adota para que este problema seja minimizado?

Não tem que esperar critério da empresa. A empresa espera que a gente já tenha uma bagagem profissional e faça tudo como o esperado.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Sim, interfere muito. Uma pauta em Iraí só poderia entrar a tempo no jornal se tivéssemos um equipamento que permitisse entradas ao vivo de lá, mas não temos aqui. Agora com a ajuda das redes sociais, com fotos e vídeos optamos por isso.

- Quando não há mais tempo para a produção checar uma informação, você opta por noticiar o fato sem a informação?

Derruba.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Acho que o Jornal do Almoço não tem perfil para grandes reportagens. O jornal é feito tradicionalmente com as notícias do dia a dia. O público já espera isso. Mas isso também não justifica deixar de fazer uma reportagem mais elaborada e criteriosa.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Dependemos de uma produção, cinegrafista, editor, exibição. Acho mais difícil porque trabalhei antes do rádio. A TV tem um processo mais complicado do que qualquer outra mídia, por isso que o conteúdo de TV tem que ser o diferencial.

Greici Mattos - Réporter

Regime de Trabalho: 7 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Depende se precisar fazer uma reportagem para o JA do dia o *dead line* é menor. Temos até às 11 horas da manhã para chegar e encaminhar pra edição. Normalmente fizemos uma reportagem por dia. Se for *stand up* o tempo para produção muda, é menor.

- Trabalha melhor sob pressão?

Na hora da pressão você tem a convicção se nasceu para ser jornalista ou não. Jornalismo tem muita pressão, mas na TV tem muito mais.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Com certeza. Sempre tento levar a informação mais limpa e correta possível, não importa o *dead line*. Mas o tempo é decisivo na qualidade. Dá pra fazer uma passagem melhor, consegue tirar mais informações do entrevistado.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Por um lado facilita porque consegue abranger e privilegiar de maneira mais ampla os telespectadores. Tem mais elementos para diversificar o jornal. Por outro, muitas vezes não vamos conseguir estar no fato, que é o ideal no telejornalismo televisivo. Não tem como se deslocar a municípios como Iraí, por exemplo, que fica mais longe e voltar a tempo para o jornal.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Muito. Fotos, informações e vídeos. A gente usa porque as pessoas querem ver.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

A produção na redação: apuração, checagem de informações e condução da pauta. A qualidade da reportagem vai depender disso.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Só durante a manhã não é suficiente. Jornal de 15 minutos tem que se pensar no dia anterior, aí sim. Já presenciei ocasiões em que o jornal estava com tempo em aberto no meio da manhã.

- Quais aspectos podem interferir e atrasar uma pauta? Eles são levados em conta anteriormente?

A demora do entrevistado em atender e a checagem das informações antes de sair da redação.

- Que critérios a RBS TV adota para que este problema seja minimizado?

Temos estagiários para ajudar. A mão de obra é a única coisa que pode agilizar além do planejamento.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na escolha das notícias?

Sim. A gente noticia mas talvez não da forma mais adequada.

- Quando não há mais tempo para a produção checar uma informação, você opta por noticiar o fato sem a apuração?

Não. Não tem como dar uma informação sem checar.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Tem abertura e espaço para isso, mas tem que ser um assunto muito interessante. Falta tempo para produção. Agora pode mudar, mas ainda assim é complicado porque tem apenas quatro cinegrafistas, falta mão de obra.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Só contribui. Ajuda acelerar o processo.

APÊNDICE C – Entrevista na íntegra com a repórter, editora e apresentadora do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo.

Francieli Alonso – Repórter / Editora / Apresentadora

Regime de Trabalho: 7 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Cerca de quatro horas e meia para fechar o jornal.

- Trabalha melhor sob pressão?

Sim. Fico mais ágil, criativa e acho soluções mais rápidas.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim. Uma matéria mais produzida resulta em um produto final, fica bem melhor no vídeo. O factual em função do tempo não consegue abordar muito detalhe, entrevistar quem gostaria. Em uma matéria mais produzida temos mais tempo para dar atenção a detalhes, escrever melhor o texto, aproveitar melhor cases e entrevistas.

- Como trabalha com a pressão do fechamento do telejornal?

Não é fácil. A rotina não é sempre a mesma. Há dias mais tranquilos outros mais corridos. Tem dias que o relógio parece estar contra. Tem que manter a calma, tomar decisões certas e nem sempre é fácil.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

As duas coisas. A vantagem é tem que mais pauta. Tem mais cidades que te oferecem assuntos para abastecer o jornal. Se fosse só Passo Fundo, seria mais difícil fechar um jornal de quinze minutos com matérias de bastante relevância. Quando se tem mais cidades, temos mais assuntos e coisas acontecendo. Por outro lado é difícil porque com o tempo que a gente tem não se consegue contemplar tudo isso.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Ajuda e agiliza muito. Dá para pesquisar, tirar dúvidas, falar com as fontes receber fotos e vídeos. Mas tem que saber usar, não pode acreditar em tudo.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

É a produção. Checar as informações, marcar e convencer as fontes.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Agora sim. Mais do que suficiente. Tem bastante equipe trabalhando voltada para um produto só. É uma forma de qualificar as matérias. Tem mais tempo para planejamento, dá para pensar melhor as matérias, em como abordar os assuntos e deixar o jornal mais atrativo e com qualidade.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

A correria não pode ser uma justificativa pra isso. O tempo afeta no formato, mas não na escolha. Tem que saber o que vale ou não e o que tem mais relevância. A forma de abordar sim pode mudar se tiver pouco ou muito tempo.

- Quando não há mais tempo para a produção checar uma informação, você opta por noticiar o fato sem a informação?

Se não tenho certeza prefiro derrubar.

- A ausência de grandes reportagens no *Jornal do Almoço* seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Antes com dois jornais era por falta de tempo. Grandes reportagens demandam mais tempo de produção, tirar uma equipe do dia a dia. Agora apenas com um produto isso vai mudar. Vamos qualificar nesse sentido também.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Depende do momento. Geralmente é bom. Ajuda na distribuição de tarefas.

APÊNDICE D – Entrevista na íntegra com os editores do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo.

Jucimar Peccin - Editor de Imagem / Diretor de Imagem

Regime de Trabalho: 8 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Varia bastante. Tem dias que é mais tranquilo se faço o serviço antes.

- Trabalha melhor sob pressão?

Ninguém trabalha melhor, porque a margem de erro é maior. A qualidade do trabalho vai ser inferior. Porém, tem que se adaptar porque a rotina que no jornalismo é assim.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim. Tem mais qualidade nas imagens, no texto, na forma de conduzir o VT e na edição.

- Como trabalha com a pressão do fechamento do telejornal?

Eu priorizo os VT's. Tento fazer o máximo antes pra adiantar o trabalho.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Dificulta às vezes. Dependendo da cidade que o fato acontecer não dá tempo de fazer ou a equipe faz tudo correndo e isso interfere no produto.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Quando ainda era em fita era bem mais difícil. Se errasse uma vez podia perder tudo. Não dava excluir um material, derrubar do jornal e também não tinha como inverter blocos. Era um processo muito demorado. Hoje com o *playout* é muito melhor.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

Checagem e apuração das informações. A mais rápida é a edição.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

É um tempo bom, dá para se adiantar bastante e pensar na qualidade.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Pode ser feito. Mas tem que haver uma organização e planejamento da equipe.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

É benéfico porque em TV ninguém faz nada sozinho. Dá pedir ajuda e distribuir as tarefas.

Milena Lopes – Editora de Imagem / Operadora de Áudio**Regime de Trabalho: 8 horas**

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Depende. É muito relativo.

- Trabalha melhor sob pressão?

Se o VT precisa ser super elaborado não, mas se for o básico sim.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim, muita. Total diferença de factual para matéria trabalhada. As produzidas são mais completas. Matéria feita rápido fica mais rasa. É quase um serviço. Se tiver mais tempo vai sair um produto melhor.

- Como trabalha com a pressão do fechamento do telejornal?

Tento fazer o máximo de coisas antes da equipe que está na rua chegar. Arrumo o estúdio antes, esqueleto os VT's primeiro, passa os tempos pra editora e depois faço as notas.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Vai ter mais assuntos, mas pode ser ruim porque as cidades geralmente se veem quando acontecem coisas ruins no município.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Ajuda e tem que melhorar. Mas agora sem fita já está bom.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

Gravar na rua.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Agora sem o News tem um tempo satisfatório. Fazer muita coisa de manhã não é muito bom e o jornal é fechado quase sempre de manhã. Mas também fechar um jornal muito

antes é pior porque parece jornal gravado. Tem que ter equilíbrio. O ideal é ter opções de fatos para escolher o que é mais relevante.

- Quais aspectos podem interferir e atrasar uma pauta?

Organização do repórter e coisas que não podem ser previstas.

- Que critérios a TV adota para que este problema seja minimizado?

Não tem critérios. Trabalhamos com pouco, a gente se vira. O cinegrafista dirige, o mesmo repórter tem que fazer várias coisas porque não tem mais equipe, editor tem que editar três matérias por dia. Com isso é provável que a terceira matéria que eu edite no dia não seja tão boa quanto a primeira.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Sim. Muitas vezes não conseguimos cobrir porque é longe. Aí já cai na hora. Tem que ser muito relevante. Mas às vezes tem tempo e não tem gente suficiente para fazer.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Acho que falta visão, ideias, criatividade e planejamento. Agora vai ter tempo.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Funciona. A dependência é grande, mas é bom.

APÊNDICE E – Entrevista na íntegra com os repórteres cinematográficos do Jornal do Almoço da RBS TV Passo Fundo.

Jeferson Barbosa - Repórter Cinematográfico

Regime de Trabalho: 9 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Depende. Geralmente se for uma matéria para o JA e uma nota coberta geralmente entre cinco e seis horas.

- Trabalha melhor sob pressão?

Pra mim é indiferente.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Muita diferença. No factual você corre contra o relógio, só registra e coloca no ar. Na produzida com mais tempo, posso pensar na iluminação, na passagem, usar microfone de lapela.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Dificulta em função do deslocamento. Mas faz parte do trabalho. A missão da RBS TV Passo Fundo é cobrir fatos relevantes. E se for relevante a equipe tem que estar no local seja onde for. Se não der pra entrar no JA entra em outro telejornal.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Ajuda bastante, mas não é o ideal. O ideal seria um kit correspondente.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Sim é suficiente. O número de equipes também.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

Gravação de externas. Porque depende da disponibilidade do entrevistado, do clima, entre outras coisas.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Não. Se for relevante tem que dar de qualquer jeito.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Falta organização da equipe. Acho que o JA deveria ter mais séries, mais matérias produzidas.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Na televisão um depende do outro. Se uma peça não funciona bem isso resulta no ar. A nossa equipe é jovem e experiente ao mesmo tempo, tem evoluir ainda.

Jorge Martins – Repórter Cinematográfico

Regime de Trabalho: 9 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Isso depende muito. Para não perder tempo eu converso com o repórter antes de ir para a rua, pra conhecer o assunto da reportagem. Com isso, procuro fazer imagens mais prontas para edição. Isso facilita e ganha tempo.

- Trabalha melhor sob pressão?

Sei que tenho que ser ágil para trazer a informação necessária em pouco espaço de tempo. Tento sempre calcular o tempo de deslocamento e planejar o tempo na externa.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Muita diferença. Uma matéria com mais tempo pode ter mais entrevistados, com passagens trabalhadas. Geralmente o factual é o registro do momento.

- Como trabalha com a pressão do fechamento do telejornal?

Gosto de trabalhar com a rapidez da informação. Não gosto de perder tempo do factual em deslocamento. Por isso prefiro sair mais cedo e voltar antes também.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

A distância dificulta. O trabalho fica mais limitado. A RBS TV Passo Fundo atende muitos municípios e isso obriga a emissora a ser ágil e trabalhar com rapidez para garantir as notícias no ar.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Ajuda muito. Ela faz o trabalho acontecer. Agiliza o processo para que mesmo com atrasos no trânsito, no deslocamento em geral, a equipe consiga produzir uma notícia com qualidade que chame atenção do telespectador.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

A troca de informações nas entrevistas.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Não.

- A ausência de grandes reportagens no Jornal do Almoço seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

É perfil do JA matérias mais curtas. Mas também são feitas matérias mais fortes, com sobe som, recursos de edição e cases. Isso chama mais atenção e sempre ajuda.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Ajuda muito. A equipe existe para somar.

João Maurício - Repórter Cinematográfico

Regime de Trabalho: 9 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Depende. Agora sem o News está melhor, temos mais tempo para pensar e executar uma pauta.

- Trabalha melhor sob pressão?

Sim, eu gosto.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim. Nas matérias produzidas dá pra melhorar a luz e adaptar o ambiente. Para o factual tem que ter feeling, percepção. Também acho que pautas produzidas com antecedência são mais fáceis e rápidas de serem executadas. Por isso a produção antes de sair a campo é fundamental.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Dificulta por causa do deslocamento. Mas ultimamente estamos dando mais ênfase a Passo Fundo.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

O tempo não interfere. Quando a notícia vale para o jornal ela sobrepõe qualquer coisa.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção telejornalística?

Sim. Vídeos e fotos funcionam. Os equipamentos da emissora é que ainda não estão funcionando como deveriam. Quando saímos da base temos dificuldade para gerar conteúdo. Quando isso funcionar vai melhorar muito mais.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

A produção na redação. Mas é prioridade, fundamental para ter reportagens diferenciadas.

- Quais aspectos podem interferir e atrasar uma pauta?

Desorganização, falta de planejamento e de produção.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

É um tempo bom se a equipe for organizada.

- A ausência de grandes reportagens no *Jornal do Almoço* seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

Acho que falta de tempo de produção, planejamento e olhar da equipe para criar esse tipo de matéria.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Se a equipe colaborar funciona. A equipe sempre pode melhorar.

Leandro Panke – Repórter Cinematográfico

Regime de Trabalho: 9 horas

- Quanto tempo você tem para cumprir as tarefas atribuídas a sua função?

Depende o dia. Já faço as imagens pensando na edição pra ser mais rápido.

- Trabalha melhor sob pressão?

Trabalho melhor sem pressão.

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção?

Sim. Dá tempo de pensar, perceber melhor o problema e como focar a matéria.

- O fato do telejornal ser regional dificulta ou facilita a produção?

Dificulta. O JA está muito focado em Passo Fundo. Deveria dar uma cobertura maior aos outros municípios. Acho que contempla pouco por causa do tempo de deslocamento e, além disso, aqui em Passo Fundo acontecem muitas coisas importantes.

- A tecnologia ajuda no ritmo da produção tele jornalística?

Ajuda bastante.

- Qual etapa da produção pode ser definida como a mais demorada?

Estacionar carro, descarregar equipamento e esperar os entrevistados.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Sim. Podemos nos dedicar mais ao JA sem se preocupar com outro produto.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção pode afetar na construção das notícias?

Sim.

- A ausência de grandes reportagens no *Jornal do Almoço* seria pela falta de tempo para produção ou de espaço para esse tipo de material?

O jornal tem perfil para estas matérias, mas elas devem ter um cunho muito forte. Acho que não pode ser uma matéria longa que não prende o telespectador até o fim.

- Trabalhar em equipe é um fator que atrasa o processo de produção?

Muito benéfica. Principalmente o trabalho das estagiarias que fazem um trabalho de produção na redação. Quando não tinha isso o repórter tentava marcar ou ia direto o que demorava mais.

APÊNDICE F – Entrevista com o Coordenador de Jornalismo da RBS TV Passo Fundo.

Mateus Rodighero – Coordenador de Jornalismo

Regime de Trabalho: 24 horas

- Percebe diferença na qualidade das reportagens dependendo do tempo disponível para a produção? Isso é motivo de frustração?

Sim. O tempo adequado para produção é um dos elementos fundamentais para se produzir uma boa reportagem. Muitas vezes a gente acaba colocando uma matéria menos completa do que a gostaria por causa do *dead line* e tempo para produção. Mas quando pode esperar e produzir melhor para o outro dia opta-se por isso. Quando o assunto é factual e não tem esse tempo, tem que produzir o máximo que puder sem perder o principal. Matéria boa é matéria que vai ao ar. Se tiver mais tempo melhor, se não tiver e a gente conseguir apurar o mínimo necessário para colocar as informações corretas no ar, vamos colocar assim que possível. Se me frustra? Frustra um pouco, mas eu aprendi a lidar com isso, porque isso é básico no jornalismo. A gente sabe que tem uma limitação de tempo e que tem um programa com horário e *dead line* que não pode mudar. Então algumas frustrações acabam sendo absorvidas. Não precisa sofrer por algo que não tem o que fazer. Se a matéria é factual e tem que entrar hoje eu vou tentar colocar e me sentir feliz, mas não necessariamente me frustrar porque gostaria de ter feito algo ainda maior.

- Ao selecionar o que será noticiado, é considerado o fator do tempo para produção?

Fator tempo é importante, mas o principal é a relevância do assunto. Muitas vezes eu escolho por assuntos que vão ter que ir para o ar com pouco tempo por causa da relevância jornalística editorial que a notícia tem. Se tiver relevância e tiver pouco tempo vamos fazer o possível para colocar no mínimo uma nota no jornal. Não posso definir as pautas apenas a partir do tempo que se tem para elas. Relevância é o que mais preocupa e faz colocar no ar.

- Você acha que o tempo disponível atualmente para a produção do *Jornal do Almoço* é o suficiente? Se não, cite que tempo você acredita que seria o ideal.

Sim. O JA é factual e vai ao ar diariamente e por isso temos que se adaptar a uma rotina produtiva. Diferente ao Fantástico ou do Campo e Lavoura, por exemplo, que vai ao ar

uma vez por semana e tem mais tempo para produzir. Nessa rotina, temos que nos adaptar as regras e aos elementos mínimos. Sabemos que o jornal tem que ir ao ar naquele horário e acabamos nos adaptando. Acho que tem um tempo adequado porque é um tempo que um jornal diário teria em qualquer outro lugar.

- A TV tem critérios para minimizar a falta de tempo para a produção?

Uso fotos e vídeos amadores se precisar.

- Já teve que eliminar uma reportagem por falta de tempo para produção?

Alguns assuntos sim. Se não der para checar o mínimo de informações que tem obrigação de checar, se opta por não dar a notícia. Temos a responsabilidade de não dar algo incompleto no ar. Algumas informações podem ficar para depois, que é a lógica da pirâmide invertida. Mas o lead básico tem que responder, é o mínimo. Até pouco tempo podíamos deixar para dar no *News* assuntos que precisavam ser melhor apurados.

- Já presenciou algum problema que ocorreu em razão da falta de tempo?

Situações pontuais já ocorreram, mas é difícil porque a equipe é experiente.

- Percebe o acúmulo de funções na equipe?

Muitas limitações estão fora do alcance mesmo se tivessem mais pessoas trabalhando na redação, como por exemplo, encontrar uma fonte, checar a informação correta dentro de um tempo hábil. E às vezes não é culpa da estrutura. Às vezes é culpa da gente saber do fato na hora do jornal ir ao ar e não encontrar as fontes necessárias para checar.

- Você acredita que a falta de tempo para a produção afeta a construção das notícias?

Não. As pessoas que trabalham na equipe já assimilaram o processo, então elas sabem que esse é o tempo para produzir e a gente vai conseguir o máximo até a hora de o jornal ir ao ar.

- Quando não há mais tempo para a produção checar uma informação, você opta por noticiar o fato sem a informação?

Sem informação clara e básica eu derrubo. É melhor do que dar uma informação que não tem certeza, que não conseguiu checar.

- A pressa pode impactar a qualidade de forma negativa?

Sim. A qualidade pode ser afetada. Mas isso não é regra. A equipe que está ali sabe que precisa produzir no espaço de tempo seja ele grande ou não e normalmente a equipe consegue.

- Já houve algum episódio em que você teve que decidir por uma matéria de menor relevância em função do tempo?

Sim. Tenho a alternativa de um subterfúgio como fotos e vídeos amadores ou talvez a matéria não entre no dia. Às vezes acontece de ter que optar por fazer algo em Passo Fundo porque tem uma limitação de tempo e equipe. Faz parte do processo produtivo e é uma questão que está no dia a dia. Quando eu organizo a estrutura da equipe sei que não posso comprometer o jornal.

- Percebe sinais de stress na equipe em função do *dead line*?

Sim, muito. Embora a maioria tenha tempo de experiência a hora do *dead line* é sempre tensa. Principalmente quando existe algum conteúdo ainda em produção. A tensão existe em todos os envolvidos. Mas já é um processo assimilado normalmente e administrado.

- Como o acúmulo de funções impacta no trabalho?

É um problema, mas conseguimos encontrar alternativas dentro desse cenário. O ideal seria mais pessoas, cada uma em suas funções como em redações maiores. Seria mais fácil, mas hoje as pessoas assimilaram esse processo de produção.